

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* CHAPECÓ**
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SAMIRA CAIRES CANTELLE

**LOUCOS EM CENA: DIÁLOGOS ENTRE O CONTO *O ALIENISTA* DE MACHADO DE
ASSIS E AS TEORIAS PSIQUIÁTRICAS DE PHILIPPE PINEL**

CHAPECÓ

2026

SAMIRA CAIRES CANTELLE

LOUCOS EM CENA: DIÁLOGOS ENTRE O CONTO *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS E AS TEORIAS PSIQUIÁTRICAS DE PHILIPPE PINEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Délcio Marquetti

CHAPECÓ

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cantelle, Samira Caires

LOUCOS EM CENA: DIÁLOGOS ENTRE O CONTO O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS E AS TEORIAS PSIQUIÁTRICAS DE PHILIPPE PINEL / Samira Caires Cantelle. -- 2026.

82 f.:il.

Orientador: Professor Dr. Dêlcio Marquetti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2026.

1. loucura; alienismo; Philippe Pinel; Machado de Assis; política. I. Marquetti, Dêlcio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SAMIRA CAIRES CANTELLE

LOUCOS EM CENA: DIÁLOGOS ENTRE O CONTO *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS E AS TEORIAS PSIQUIÁTRICAS DE PHILIPPE PINEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/07/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DELICIO MARQUETTI**
Data: 10/07/2026 15:01:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Délcio Marquetti - UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **VALDIR PRIGOL**
Data: 10/07/2026 13:33:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valdir Prigol - UFFS
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO MACHADO**
Data: 09/07/2026 17:27:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Machado - UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho a todos aqueles que
acolheram minhas escolhas sem exigir
compreendê-las por completo, acompanhando
essa jornada com amor, afeto e paciência.
Também o dedico a mim mesma, por confiar
no coração quando a razão não era suficiente
para indicar o caminho.

AGRADECIMENTOS

A entrega deste trabalho representa o encerramento de um ciclo de cinco anos e meio, durante o qual percorri, simultaneamente, duas graduações. Para alguns, essa escolha foi sinônimo de loucura. Fazer esse caminho, pouco lógico e nada convencional, me proporcionou a rara satisfação de sentir que estava exatamente onde deveria estar.

Essa caminhada foi marcada pelo esforço constante de abrir mão de quem era para construir quem ainda desejo me tornar. Em breve todos esses dias de entregas intensas, angústias e desassossegos serão resumidos a memórias. Diante disso, gostaria de registrar meus agradecimentos às pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para a construção desta trajetória.

Agradeço à minha avó, Selete, por ensinar, desde sempre, o valor da educação e por incentivar a construção de um caminho próprio, sem depender de ninguém para trilhá-lo. Agradeço à minha outra avó, Ezilda, por mostrar, por meio de sua própria trajetória, a importância de escolher a si mesma. Ambas me ensinaram, desde cedo, o valor da independência construída pelo estudo.

Aos meus pais e ao meu irmão pelas inúmeras formas de carinho. Sei que o afeto não se manifesta apenas nas palavras; muitas vezes, encontra-se nos gestos e nos atos de cuidado: em um chimarrão preparado, em um café passado, em um conserto no carro e em tantas outras demonstrações silenciosas de amor. Também reconheço os caminhos árduos que percorreram, tornando possível que eu construísse os meus com mais leveza.

Agradeço ao meu companheiro, Eduardo, que demonstra seu apoio e dedicação todos os dias, não economizando presença e palavras para a minha felicidade.

À minha família, em especial aos meus tios, Adilson e Edna, pelos atos de apoio, consideração e companheirismo.

À Natália, minha dupla de faculdade, pelo incentivo e pelos dezessete anos e meio de amizade. Sem você, este caminho certamente teria sido mais difícil.

Aos amigos que fiz no curso, mas, em especial, Pedro, que me ensinou muito sobre rigor e excelência e Letícia, que me acolheu e integrou como se me conhecesse há anos.

Aos meus amigos, Mayara, Luiza, Felipe, Alex, Beatriz, Stéphanie, Murilo, Matheus, Maria e Gabriela por terem tornado os dias mais leves e divertidos.

Aos professores, pela criticidade e pelos aprendizados, em especial ao Professor Délcio Marquetti, que, com tanto carinho, respeito e consideração, guiou a realização deste trabalho.

A verdade não existe fora do poder ou sem poder.
(Foucault em *A microfísica do Poder*).

RESUMO

O presente trabalho objetiva identificar de que maneira as ideias alienistas desenvolvidas por Philippe Pinel, em seu *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, publicado na França pela primeira vez em 1800, foram recepcionadas por Machado de Assis em *O Alienista*, publicado em 1881, no Brasil. Além disso, pretende-se, contextualizar o alienismo na França e as contribuições de Philippe Pinel; analisar os fundamentos teóricos e as práticas de Pinel em seu *Tratado*; examinar as relações entre alienismo, poder e controle social no contexto de institucionalização da loucura na França e no Brasil; identificar a representação da loucura, do alienista e do cientificismo no conto *O Alienista*; verificar as conexões entre os pressupostos do alienismo e os elementos presentes na narrativa machadiana e discutir os limites e as contradições do projetos terapêuticos do alienismo, refletindo sobre a atualidade dos debates sobre medicalização e tratamentos. Pinel foi considerado o responsável pelas inovações práticas nos hospitais de alienados, sendo denominado de fundador da psiquiatria, na França do século XVIII. As práticas terapêuticas, desenvolvidas por Pinel na França, repercutiram na realidade brasileira, em especial com o surgimento de hospícios como o Dom Pedro II. Por isso, Machado de Assis, de forma satírica e irônica, desvenda o conjunto de poderes políticos, envoltos de justificativas científicas, e as fragilidades dos discursos médicos sobre a loucura. A pesquisa foi articulada em torno dos conceitos de loucura, alienismo, tratamento moral e política, por intermédio da obra de Murat (2012). A metodologia utilizada envolve pesquisa bibliográfica, documental e literária através de artigos, livros e pinturas. O estudo resgata o processo de disputa política sobre a loucura. Ao longo de dois capítulos demonstra como a literatura pode contribuir e guiar o exercício de reflexões pelo passado histórico, em especial quando aliada a outros registros e fontes. Constatou-se que as teorias alienistas formuladas por Philippe Pinel foram recepcionadas por Machado de Assis de forma crítica, por meio da sátira e da ironia presentes em *O Alienista*, questionando a confiança nos tratamentos médicos e nas concepções de loucura difundidas. Além disso, a análise do conto à luz do *Tratado* de Pinel possibilitou estabelecer relações entre a constituição da psiquiatria francesa e sua recepção no contexto brasileiro, abrangendo diversos aspectos políticos, econômicos e sociais.

Palavras-chave: loucura; alienismo; Philippe Pinel; Machado de Assis; política

ABSTRACT

This study aims to identify how the alienist ideas developed by Philippe Pinel in his *Medical-Philosophical Treatise on Mental Alienation or Mania*, first published in France in 1800, were received by Machado de Assis in *The Alienist*, published in 1881. Furthermore, it seeks to contextualize alienism in France and the contributions of Philippe Pinel; analyze Pinel's theoretical foundations and practices presented in his *Treatise*; examine the relationships between alienism, power, and social control within the context of the institutionalization of madness in France and Brazil; identify the representations of madness, the alienist, and scientism in the short story *The Alienist*; investigate the connections between the assumptions of alienism and the elements present in Machado de Assis's narrative; and discuss the limits and contradictions of the alienist therapeutic project in contemporary times. Pinel was considered responsible for practical innovations in hospitals for the mentally ill and was recognized as one of the founders of psychiatry in eighteenth-century France. The therapeutic practices developed by Pinel in France influenced the Brazilian context, particularly through the emergence of institutions such as the Dom Pedro II Hospice. Therefore, Machado de Assis, through satire and irony, reveals the set of political powers surrounded by scientific justifications, as well as the weaknesses of medical discourses concerning madness. The research was structured around the concepts of madness, alienism, moral treatment, and politics, based on the work of Murat (2012). The methodology employed involves bibliographical, documentary, and literary research through the analysis of articles, books, and paintings. The study revisits the process of political disputes surrounding madness. Throughout two chapters, it demonstrates how literature can contribute to and guide reflections on the historical past, especially when combined with other records and sources. The study found that the alienist theories formulated by Philippe Pinel were critically received by Machado de Assis through the satire and irony present in *The Alienist*, challenging confidence in medical treatments and in the prevailing conceptions of madness. Furthermore, the analysis of the short story in light of Pinel's *Treatise* made it possible to establish connections between the formation of French psychiatry and its reception in the Brazilian context, encompassing various political, economic, and social aspects.

Keywords: Madness; Alienism; Philippe Pinel; Machado de Assis; Politics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PINEL, BACAMARTE E SEUS LOUCOS: AS CONCEPÇÕES DE LOUCURA E A FIGURA DO ALIENISTA	20
2.1 UMA LEITURA DE <i>O ALIENISTA</i> À LUZ DAS TEORIAS DE PHILIPPE PINEL	29
2.1.1 O surgimento da casa de loucos, classificação das loucuras e repressão psíquica	29
2.1.2 O alienismo e a política: comercialização e indústria da loucura	33
2.1.3 Coadjuvantes: não se organiza um hospício, nem se aplica o Tratamento Moral sozinho	37
2.1.4 “O terror”: internações como correções comportamentais	40
3. O TERROR É PAI DA LOUCURA	46
3.1 A LOUCURA DAS MULHERES “NAMORADEIRAS”: ABANDONO E APAGAMENTO	52
3.2 UM ATO DE HEROÍSMO? OS LOUCOS SÃO LIBERTOS	56
3.3 TEMPESTADE MORAL: A LOUCURA ROMPE OS PORTÕES DO MANICÔMIO	64
3.4 REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AS NOVAS FORMAS DE EXERCÍCIO DO CONTROLE PSÍQUICO	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Frontispício da folha de rosto do <i>Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania</i> de 1800	24
Figura 2- “Pinel Libertando os Loucos de Suas Correntes”, 1876, pintura de Tony Robert-Fleury	59
Figura 3- “Philippe Pinel remove os ferros dos loucos em Bicêtre”, 1849, pintura de Charles Louis Muller	60
Figura 4- Representação de Candido Portinari sobre os considerados alienados confinados na Casa Verde	66
Figura 5- Representação de Candido Portinari sobre Bacamarte confinado com sua suposta loucura enquanto os antes considerados alienados estão livres	67

1 INTRODUÇÃO

A loucura ocupou lugar relevante no imaginário popular e em diversas produções intelectuais no Ocidente. Foi cantada por músicos e poetas, retratada pelas artes visuais, como na obra “A nau dos loucos”, de Hieronymus Bosch, nos primeiros anos do século XVI. Dela se fez uso para pretextar formas mais descomprometidas de orquestrar críticas às estruturas sociais, como feito por Erasmo de Rotterdam em *O elogio da loucura*, livro de 1511, onde o autor traz à cena e recupera uma tradição clássica que a colocou nos panteões com o nome de deusa Moria. Na acepção de Michel Foucault (1997), um dos pioneiros nos estudos da loucura, que fomentou diversos trabalhos posteriores, a loucura possui seus próprios jogos: é objeto de discursos; ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; é denunciada, se defende, e reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão.

As interpretações da loucura foram historicamente construídas e modificadas em diferentes contextos sociais. Nas concepções religiosas, a loucura esteve relacionada às causas sobrenaturais, forças e razões místicas (Oliveira, 2022). No contexto europeu, ao longo da época moderna, a retórica medieval é de que o louco, “santo de Deus”, juntamente com outras coortes de sujeitos segregados (como os pobres, os leprosos...) não será mais visto como uma espécie de rosto do Cristo sofredor, com possibilidade de redenção aos que lhe estendem a mão. Passará a ser olhado com desconfiança, como um problema, alguém que incomoda, mais um réprobo sobre o qual lança-se um olhar vigilante. Na Revolução Francesa, o louco passou a ser tratado como um doente a ser medicado, por uma apreensão médico-filosófica, numa verdadeira revolução psiquiátrica, em que a loucura se converte em doença mental (Murat, 2012; Facchinetti, 2008). No Brasil, para além do olhar médico, religioso ou filosófico, os loucos foram associados como ameaças à ordem, à tranquilidade pública e à integridade física e moral da população urbana (Engel, 2001).

Diante das formas de combater essa “recusa” da loucura em permanecer nos padrões comportamentais pré-estabelecidos, surgem os estudos sobre os tipos de loucuras, os padrões de comportamento, as causas para o desencadeamento e, principalmente, as alternativas de tratamento curativo, objetivando (re)inserir e (re)enquadrar o louco à razão. Nessa conjuntura, apareceu, na Europa, o alienismo, como especialidade médica ocupada com os estudos da mente.

Dentre todo o vasto conjunto de textos que compõem as escritas da loucura, duas obras chamam nossa atenção e serão fontes de análise neste trabalho. O *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, publicado por Philippe Pinel, pela primeira vez em 1800, em Paris, e o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1881, no Brasil, são colocados em confronto aqui, em perspectiva dialógica, a partir de uma abordagem comparativa, preservando a independência das obras, mas estabelecendo relações entre seus respectivos discursos.

Philippe Pinel (1745-1826), médico e especialista dos cuidados da mente, se destaca na França revolucionária, onde assumirá papel preponderante nos estudos e práticas terapêuticas da loucura, legando assim seu *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, publicado, pela primeira vez, em 1800¹, em Paris. Pinel foi considerado o responsável pelas inovações práticas nos hospitais de alienados, uma vez que elaborou uma primeira espécie de taxonomia das enfermidades mentais e conceituou a alienação mental e a profissão de alienista. Dessa forma, “instaurou o primeiro modelo de terapêutica nesta área ao introduzir o tratamento moral” (Amarante, 2007, p. 29). Em meio à efervescência da Revolução Francesa (1789-1799) e ligado às características da modernidade, objetivava a curabilidade por meio da intervenção médico-filosófica.

Buscava com o chamado “tratamento moral” apresentar maior eficácia do que o tratamento religioso, antes conferido (Teixeira, 2019). Esse tratamento consistia em proteger o alienado, obter sua confiança, para, posteriormente, intimidá-lo com “um tom imponente e inabalável”, empregando a força da dissuasão. O método pretende, assim, “romper, domar, submeter”, para retomar a razão (Murat, 2012, p. 76). A influência de Pinel foi tanta e se propagou de forma tão absurdamente marcante, que seu nome, Pinel, se constituiu, numa espécie de léxico popular, em sinônimo de louco; estar “Pinel” significava estar “doido”, “louco” e outros epítetos, como, para usar uma linguagem contemporânea, estar “fora da casinha”.

Ocorre que o alienismo exercerá uma dupla função: apresentar-se-á como pretensão curativa, mas também como amparo político ao poder vigente da época (Murat, 2012). O

¹ Para a realização deste trabalho utilizou-se a versão brasileira, publicada pela Editora da UFRGS em 2007 que expõe: “A pesquisa de revisão técnica identificou excertos da tradução dessa obra referentes à publicação de 1809, em outros livros. Sendo, portanto, inédita a presente tradução, a qual remete para a primeira edição, ou seja, a de 1800” (Galli; Christoff, 2007). Logo, as citações diretas e indiretas serão: Pinel, e a página, para evitar repetições quanto ao ano. Ainda, a fim de evitar tautologias, a fonte *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, será denominada apenas como *Tratado* nas próximas menções.

tratamento moral desenvolvido por Pinel será uma tarefa de reeducação, buscando enquadrar os comportamentos desviantes (Perrot, 2000). Murat (2012) destaca a força política do alienista, que geralmente acumula um cargo público, a serviço da administração pública. Pinel, inclusive, é nomeado diretor de Bicêtre, unidade do hospital geral de Paris, local em que serão inseridos os alienados, durante o período do Terror, momento considerado crítico no processo revolucionário francês, pelo uso intenso que se fez da guilhotina (Teixeira, 2019). Por isso, visualiza-se a força da psiquiatria enquanto máquina política (Murat, 2012).

Essa mudança de paradigma, grande reviravolta da qual fala Foucault, em que o louco não será mais apenas aquele que “se engana”, mas aquele que contém uma “força não dominada”, ou força “não dominável” (2006, p. 20), nos discursos sobre a loucura não ficará circunscrita à Europa, é exportada para outros países do mundo ocidental, como o Brasil. “O alienismo pineliano ganhou o mundo, principalmente em decorrência do contexto e das questões atreladas ao seu surgimento” (Amarante, 2007, p. 35).

No século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro encontrava-se em processo de expansão por ser a sede do governo da Colônia. Como decorrência desse processo de urbanização e necessidade de manutenção da ordem da cidade, houve um aumento nas pressões sociais que exigiam a restrição da livre circulação dos sujeitos que fossem considerados alienados (Oda; Dalgalarondo, 2004). Assim, na apresentação do *Tratado* de Pinel à edição brasileira, Oda e Dalgalarondo (2007) mencionam o surgimento do primeiro hospício brasileiro, o Hospício Pedro II, inaugurado em 1852, construído conforme o molde francês e com a influência das teorias pinelianas.

Nessa nova onda de crença na ciência empregada para cura dos “loucos”, em ambiente brasileiro, Machado de Assis redige o conto *O Alienista*, publicado pela primeira vez em 1881. O conto narra a história de Simão Bacamarte, médico, especialista nos cuidados da mente que organiza um hospício na cidade de Itaguaí, para internar e tratar aqueles que considerava loucos. Nele, o escritor problematiza, de forma irônica, as delimitações fronteiriças do (a)normal na mente humana. Machado de Assis critica as teorias científicas da época, realizando uma “sátira da crença desmesurada nos poderes da ciência” (Perrot, 2000, p. 58). Estabelece, dessa forma, uma ironia ao tom progressista no desenvolvimento médico-científico e seus métodos.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839 - 1908) ficou conhecido como Bruxo do Cosme Velho, denominado assim por seus vizinhos que o viram queimando cartas no sobrado

em que morava. Não à toa o apelido caiu bem, visto que o autor foi considerado “dono de um mágico poder com as palavras, o mais importante escritor negro da história tinha capacidade de decifrar as entrelinhas de seu tempo” (Arbex, 2024, p. 63).

Esse recurso literário, desenvolvido por Machado de Assis, será utilizado para conduzir a análise de possíveis interlocuções percebidas no Brasil, diante das perspectivas teóricas desenvolvidas por Pinel, por meio de seu *Tratado*, na construção da história da loucura; ambas as fontes serão analisadas em paralelo. Também pretende-se com a utilização do referido conto realizar uma abordagem dos temores sociais acerca da loucura, da institucionalização e do tratamento dos considerados loucos. Busca-se, assim, uma reconstrução do imaginário da época sobre o surgimento do alienismo, a partir da teoria francesa na realidade brasileira, pelas lentes de um dos maiores e mais perspicazes autores brasileiros.

Diante do exposto, surge o seguinte problema de pesquisa: De que maneira as ideias alienistas desenvolvidas por Philippe Pinel, em seu *Tratado*, foram recepcionadas por Machado de Assis em *O Alienista*? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, à luz das ideias desenvolvidas por Philippe Pinel em seu *Tratado*.

Entre os objetivos específicos encontra-se: contextualizar o alienismo na França, com destaque para as contribuições de Philippe Pinel; analisar os fundamentos teóricos e as práticas terapêuticas apresentados por Pinel em seu *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a mania*; examinar as relações entre alienismo, poder e controle social no contexto de institucionalização da loucura na França e no Brasil; analisar a representação da loucura, do alienista e do cientificismo no conto *O Alienista*, de Machado de Assis; identificar as conexões entre os pressupostos do alienismo sistematizados por Pinel e os elementos presentes na narrativa machadiana; discutir os limites e as contradições dos projetos terapêuticos do alienismo, refletindo sobre a atualidade dos debates sobre medicalização e tratamentos psicológicos.

De acordo com Teixeira (2010, p. 25), Machado de Assis em *O Alienista*, “traz à cena alguns dos motivos básicos do discurso histórico sobre a formação dos povos: cidade, religião, ciência, linguagem, política, exército, justiça, saúde, revolta social, divulgação da notícia, registro oficial dos fatos, acumulação de riqueza e bem-estar coletivo”. Assim, a questão da loucura, trabalhada no conto, ultrapassa os limites do campo médico e integra uma

reflexão mais abrangente sobre a constituição, a organização e o funcionamento da sociedade brasileira.

Passando, agora a apresentar a justificativa, eu, Samira, me tornei Bacharel em Direito pela Unoesc, *Campus* de Chapecó, SC, em dezembro de 2025. De forma concomitante com a produção do trabalho que ora se apresenta, realizei um trabalho de conclusão de curso sobre as internações compulsórias de dependentes químicos na atualidade, observando se as práticas processuais encontravam-se em consonância com as garantias constitucionais e legais previstas na Lei n. 10.216/2001; o resultado da pesquisa apresentou a ausência parcial dos requisitos necessários para as internações realizadas, em especial no que tange o contraditório, a ampla defesa e o esgotamento dos recursos extra-hospitalares. Portanto, encontrei nas intervenções psiquiátricas uma temática de interesse, buscando compreender os processos históricos relacionados aos tratamentos empregados ao longo do tempo e às implicações políticas presentes na constituição dos saberes científicos. Desse modo, ambos os trabalhos acabaram, de certo modo, esclarecendo questões um do outro.

Justifica-se ainda a escolha, e a importância do tema, sobretudo, pela ausência de trabalhos que visualizem a loucura e o surgimento do alienismo por uma perspectiva plural de fontes históricas como as aqui usadas. A maioria das produções observa somente a atuação de Pinel ou somente a atuação de Bacamarte, o alienista do conto machadiano, sendo raramente estabelecido um estudo comparativo sobre as diferentes materialidades entre as pretensões de Pinel com as consequências vivenciadas no Brasil, ainda que o entusiasmo científico terapêutico estivesse presente em ambas as realidades, conforme exposto por trabalhos acadêmicos. Busca-se, assim, o diálogo entre as fontes para a (re)construção desse passado histórico entre Pinel, Machado de Assis e seus discursos sobre a loucura.

As análises serão conduzidas, especialmente, pela perspectiva teórico/metodológica de Laure Murat, com *O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura* (2012), em que concebe, criticamente, uma “história política da loucura”, na qual a psiquiatria será utilizada como uma máquina política e a alienação mental servirá de instrumento de medida ao poder vigente, associando o médico à administração pública (2012, p. 28). A historiadora explica que a revolução pineliana rompeu as cadeias da contenção em favor desta nova terapêutica e as novas práticas, denominadas de “tratamento moral”, que reprimem as violências físicas, anteriormente incentivadas, mas defendem a intervenção

mental em consonância aos princípios dos bons costumes, da conduta adequada e da oposição ao imoral (2012, p. 39).

Murat (2012) apresenta uma história de cunho político para os esclarecimentos dos delírios coletivos, das convulsões políticas na França e da constituição do alienismo enquanto braço político. Percorre uma história íntima das instituições hospitalares Bicêtre e Salpêtrière, que foram locais de estudo e organização por Philippe Pinel. Expõe que a loucura adquiriu paradigma, revelando a ambição dos governos e o grande propósito do poder, relacionando a história do tratamento mental com o debate político, estatal e organizacional. A historiadora apresenta também que tanto a guilhotina — lembre-se que a guilhotina no uso feito durante o processo revolucionário, na França, foi proposta por um médico, Dr. Guillotin — como a psiquiatria, são engendradas pela medicina, enquanto projeto político de reforma à humanidade e ao saneamento da sociedade. Percebe-se, portanto, uma preocupação concernente à disciplina do corpo e da consciência, aos moldes e ideologias sociais impostas.

Compreendendo a menção: “Diga-me o que faz de seus loucos e lhe direi quem você é” (Murat, 2012, p. 36), sua obra será utilizada para problematizar não somente o tratamento físico e psicológico destinado aos alienados, mas a influência destes na constituição das sociedades. A autora ressalta a influência de Michel Foucault em seu trabalho, autor que também será utilizado, em especial com a obra *História da Loucura na idade clássica* (1997), mas também com outros trabalhos como *O poder psiquiátrico* (2006) e *Microfísica do Poder* (2021), para compreensão da história da loucura e dos usos manicomiais, como aporte teórico complementar.

Além de Murat e Foucault, a recepção do alienismo no Brasil é fundamentada nos estudos de Ana Maria Galdini Raimundo Oda e Paulo Dalgalarro (2004), bem como de Paulo Amarante (2006). As discussões acerca do poder científico e das questões de gênero dialogam com as reflexões de Angela de Castro Gomes (1994), Andrea Czarnobay Perrot (2000) e Magali Gouveia Engel (2001). Também são mobilizados os estudos de Roberto Machado, especialmente a obra *Foucault, a ciência e o saber*, de Jurandir Freire Costa, com *História da psiquiatria no Brasil* e Robert Castel (1978), com *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Por fim, são incorporadas as contribuições de Daniela Arbex (2013) sobre o sanatório de Barbacena, em Minas Gerais, assim como as formulações teóricas de Gilles Deleuze (1990), com *Post-scriptum sobre as sociedades do controle*, e Paul B. Preciado (2008), por *Testo Junkie, sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* que

possibilitaram refletir sobre as sociedades de controle e a gestão farmacológica da subjetividade na contemporaneidade.

Antonio Celso Ferreira (2009), em seu texto “Literatura: a fonte fecunda” (*O historiador e suas fontes*), afirma que os textos literários são materiais ricos em significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências humanas no tempo. A literatura desempenha uma função social, que compreende o papel exercido pela obra no estabelecimento de relações sociais e na manutenção ou transformação de determinada ordem social (Candido, 2006, p. 54). Dessa forma, o conto *O Alienista*, revela-se fundamental para a (re)construção da história da loucura. Por meio dele, é possível observar o passado histórico brasileiro, refletir sobre a recepção das teorias oriundas da França e identificar como a própria obra produz discursos que imprimem em sua contemporaneidade a marca da desconfiança em relação ao cientificismo e às instituições manicomiais. A obra constitui-se como reflexão autônoma acerca das supostas “verdades” desse período. Nesse sentido, Sidney Chalhoub (2003) afirma que Machado foi historiador, pois soube captar as sutilezas do funcionamento da sociedade e suas contradições, escrevendo e reescrevendo a história do Brasil em seus romances e contos.

De acordo com Ferreira (2009), cumpre ao historiador compreender qual papel a literatura desempenha nas condições sociais e culturais de determinada época. Por essa razão, o diálogo estabelecido entre diferentes vozes de personagens e narradores permite investigar as complexidades do imaginário histórico, a diversidade de ideologias e as formas pelas quais diferentes indivíduos ou grupos sociais se inserem em determinados contextos históricos. Conforme explica Pesavento (2003), a utilização da literatura para a compreensão da história permite uma (re)construção social da realidade, sendo História e literatura diferentes discursos portadores de um imaginário. Para a historiadora, a fonte literária autoriza o resgate das sensibilidades, dos valores, dos sentimentos e das formas pelas quais os homens representavam a si mesmos e ao mundo.

Calvino (2007, p. 10–11) menciona também que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando como inconsciente coletivo ou individual”. O conto de Machado de Assis, considerado um clássico da literatura brasileira, registra, de forma perspicaz, bem-humorada, satírica e crítica, aspectos desse inconsciente coletivo. Portanto, sua leitura aproxima-se da face política da história da loucura, desenvolvida por Foucault

(1997) e, posteriormente, por Murat (2012). Dessa maneira, o conto, contraposto às demais fontes, é imprescindível para a compreensão do surgimento do alienismo, bem como de suas complexidades.

O presente trabalho divide-se em 2 capítulos. No primeiro, busca-se descrever a constituição do sujeito alienista, bem como os tratamentos destinados aos considerados loucos antes da consolidação da abordagem cientificista, estabelecendo um diálogo entre o conto de Machado de Assis e o *Tratado* de Pinel. Em seguida, apresenta-se a narrativa machadiana como ferramenta para dialogar com os processos históricos ocorridos no Brasil e na França. Nesse percurso, são discutidos aspectos como a classificação das loucuras, as críticas aos tratamentos tradicionalmente empregados, a mercantilização da loucura e os interesses econômicos e políticos que permeavam o alienismo. Examina-se, também, a organização dos tratamentos e o papel das internações como instrumentos de normalização e correção comportamental.

No segundo capítulo mantém-se a articulação entre a narrativa literária, e o *Tratado* de Pinel para discutir a loucura no contexto da Revolução Francesa e os usos políticos atribuídos ao adoecimento nesse período. Posteriormente, são analisadas questões de gênero, com atenção às formas pelas quais determinadas condutas femininas foram patologizadas e associadas à loucura. Na sequência, aborda-se o fim do conto, com a libertação dos considerados loucos e a construção de narrativas heroicas voltadas à psiquiatria, por meio da arte. Considera-se relevante, nesse contexto, para complementar a análise das principais fontes do trabalho, apresentar duas obras artísticas que retratam Pinel, produzidas por Tony Robert-Fleury e Charles Louis Lucien Muller. A forma que os artistas retratam o alienista demonstra uma tentativa de consolidar um “gesto heroico” em sua figura. Por fim, o trabalho reflete sobre as transformações dos mecanismos de controle psiquiátrico, discutindo a passagem do manicômio fechado para formas mais difusas de vigilância e regulação social, bem como os processos contemporâneos de medicalização e psiquiatrização da vida.

2 PINEL, BACAMARTE E SEUS LOUCOS: AS CONCEPÇÕES DE LOUCURA E A FIGURA DO ALIENISTA

Em um primeiro momento, faz-se necessário questionar: quem é o sujeito alienista? Nas palavras de Machado de Assis (2005), o alienista é o indivíduo dotado de apreensões médico-psiquiátricas, mas também filosóficas sobre os limites entre a razão e a loucura. Busca resolver a loucura por meio dos instrumentos da ciência: métodos, teorias e experiências. O alienista tentará “estudar profundamente a loucura, seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir a causa dos fenômenos e o remédio universal; um mistério do coração; crê em um bom serviço à humanidade” (Assis, 2005, p. 13)². Tal preocupação pode ser atribuída a Simão Bacamarte, personagem principal criada por Machado de Assis, em seu conto *O Alienista*, mas também, ao médico francês Philippe Pinel, considerado fundador da psiquiatria, criador do “tratamento moral” e de uma nova forma de intervenção terapêutica aos alienados, na França do século XVIII. O termo nasceu na França revolucionária e sobreviveu até o início do século 20” (BBC, 2022)³.

No entanto, a existência do alienista pressupõe a existência de um sujeito definido como alienado, frequentemente identificado e reconhecido socialmente como louco. Esse sujeito não permaneceu como uma categoria fixa ao longo da história, mas foi constantemente construído e ressignificado de acordo com os valores e expectativas de cada sociedade. Nesse sentido, Foucault (1999) afirma que “cada cultura tem a loucura que merece”, indicando que a definição da loucura está vinculada às concepções de verdade e aos sistemas de pensamento predominantes em determinada sociedade.

Para o autor, “A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (Foucault, 1999, p. 150). Dessa maneira, evidencia-se que a loucura e os sujeitos considerados loucos não constituem-se como conceitos universais e imutáveis, mas categorias historicamente construídas e atravessadas pelas formas pelas quais cada sociedade define, reconhece e exclui determinados sujeitos.

No conto machadiano, Simão Bacamarte inaugura um local conjunto para o tratamento dos considerados loucos: a Casa Verde. De acordo com o personagem, antes de

² Ao longo deste trabalho foram utilizadas cinco edições diferentes do conto *O alienista*, de Machado de Assis. Em todas elas o conto permanece o mesmo, sendo somente acrescentadas discussões de outros autores, comentários e ilustrações pertinentes para realização das análises aqui construídas.

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59896912>. Acesso em 08 dez. 2025.

sua intervenção mental, em Itaguaí havia o ruim costume da cidade não fazer caso dos dementes. Leia-se o sugestivo trecho do conto: “[...] cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solto pela rua” (Assis, 2005, p. 21). Por isso, o alienismo constitui-se enquanto virada de chave para o tratamento dos considerados loucos, que, agora, são objetos de pretensão científica e política, já que dizem respeito ao bem comum.

Para compreender historicamente a emergência da loucura como objeto de intervenção, é necessário observar como sua percepção social se transformou ao longo do tempo. Foucault (1997, p. 53) expõe que, “até a segunda metade do século XV, ou até mesmo um pouco depois, o tema da morte impera sozinho. O fim do homem, o fim dos tempos assume o rosto das pestes e das guerras.” Posteriormente, “nos últimos anos do século esta grande inquietude gira sobre si mesma: o desatino da loucura substitui a morte e a seriedade que a acompanha.” O autor entende que “a loucura era o já-está-aí da morte”, considerando que “a experiência da loucura é uma continuação rigorosa da lepra. O ritual de exclusão do leproso mostrava que ele era, vivo, a própria presença da morte”. Para o autor, trata-se de uma substituição do tema da morte pelo da loucura que mostra uma virada no interior da mesma inquietude. Há a ascensão da loucura.

Seja na ficção ou no conjunto de fatos históricos, quando não havia o tratamento terapêutico, o único caminho para o considerado louco, era, muitas vezes, do óbito. Murat (2012) explica que em um dos gestos da Revolução Francesa, com a supressão do arbítrio real na França e a delegação dos poderes à Justiça, à administração e à medicina, o considerado louco, antes encarcerado, sem outra forma de processo, torna-se um cidadão a ser avaliado e um doente a ser medicado. Portanto, há uma mudança no estatuto político e jurídico da loucura.

O louco, apresentando comportamentos desviantes, deve ser reeducado para ser reinserido (Perrot, 2000). Assim, nasce o alienismo, articulado em um consenso em torno do discurso médico e da prática clínica destinada aos considerados loucos. Philippe Pinel, na França, desempenhará papel efetivo na construção dessa especialidade médica que se dará com crença no poder da ciência e no progresso civilizatório (Teixeira, 2019). Assim, elaborará o seu *Tratado* e se constituirá enquanto uma espécie de personagem heroico na história da psiquiatria.

O produto dessa visão médica será elaborado em constante relação com as ideias iluministas e revolucionárias (Teixeira, 2019). De acordo com Carvalho (2022, p. 32), citando o historiador Robert Darnton, aponta o iluminismo como “um movimento, uma causa, uma campanha para mudar mentes e transformar instituições”, portanto, há uma relação entre o iluminismo e a Revolução Francesa. Para Carvalho (2022), no entanto, o iluminismo não necessariamente é a “causa” da revolução francesa, mas é inquestionável, que agentes políticos utilizaram as ideias iluministas com propósitos revolucionários. Nesse ponto, Carvalho (2022, p. 34) concorda com o pensamento de Chartier ao expor que a “própria Revolução Francesa, ao selecionar, mencionar e dar uma falsa coerência a um conjunto de autores, “inventou” o iluminismo como seu precursor”.

De fato, não se nega que Pinel e seu *Tratado* introduzem métodos terapêuticos diferentes dos tratamentos físicos, das violências corporais e livra os loucos das correntes de ferro (Amarante, 2007), no entanto, permanecerão presos a um discurso médico patologizado, fortemente conveniente ao discurso político vigente. Considerado o primeiro livro da disciplina que seria a psiquiatria (Amarante, 2007), o *Tratado* detalha os tratamentos psicológicos e físicos conferidos aos pacientes institucionalizados. Por isso, este *Tratado*, tido aqui como fonte histórica, será utilizado para fazer uma verificação de quais práticas eram utilizadas, quais suas finalidades e as justificativas médico-filosóficas utilizadas por Pinel. Para tanto, será utilizada a versão brasileira, publicada em 2007, traduzida por Joice Armani Galli⁴, com revisão técnica de Margareth Uarth Christoff⁵ e Ana Maria G. R. Oda⁶ e publicado pela UFRGS Editora.

A versão brasileira possui 271 páginas e conta inicialmente com textos introdutórios, escritos por seus organizadores: “Considerações ao leitor” escritas por Joice Armani Galli e Margaret Uarth Christoff; “Sobre a revisão da tradução” feita por Ana Maria G. R. Oda, e “Apresentação” exposta por Ana Maria G. R. Oda e Paulo Dalgallarrondo⁷, todos

⁴ Professora de Francês, doutora em Linguística e aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Psicóloga, doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Graduada em medicina, especialista em psiquiatria, mestre em Saúde Mental e doutora em Ciências Médicas, Chefe do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) da Unicamp. Atua principalmente nas áreas de Políticas de saúde mental, racismo e relações raciais, Ciências Humanas e Psiquiatria e História da Psiquiatria (Oda, 2024).

⁷ Graduado em medicina pela Universidade Estadual de Campinas, mestre em saúde mental pela Universidade Estadual de Campinas, Doutor em Psiquiatria no Instituto e Saúde Mental de Mannheim - Alemanha, docente na Unicamp, Doutor em antropologia social sobre a noção do humano no pensamento antropológico e biológico.

pesquisadores da área da Psiquiatria, que descrevem aspectos da história do alienismo na França e no Brasil. Expostas as apresentações preliminares e considerações dos editores, o volume apresenta, então, a obra de Pinel, propriamente dita.

Assim, inicia-se a introdução feita pelo Pinel, em si. Posteriormente, o livro divide-se em “Tratado sobre a mania”, apresentando o “Plano geral da obra”. Na sequência são expostas as seções, intituladas “Mania periódica ou intermitente”, “Tratamento moral dos alienados”, “Pesquisas anatômicas sobre os vícios de conformação do crânio dos alienados”, “Divisão da alienação mental em espécies distintas”, “Polícia interna e vigilância a estabelecer nos hospícios de alienados”, “Princípios do tratamento médico dos alienados” e ao fim uma seção intitulada “Pranchas”, com imagens de crânios. Todas as seções são divididas em múltiplas subseções curtas. Os próprios títulos das seções já antecipam, de maneiras muito sugestivas, aspectos fundamentais da obra, como o foco no “Tratamento moral”, “Polícia interna e vigilância”, na classificação da loucura, questões que serão melhor exploradas ao longo do trabalho.

Como era habitual à época, a folha de rosto preocupa-se em apresentar Pinel e suas credenciais, que dariam legitimidade e autoridade ao texto, atribuindo-lhe valor pelos seus cargos desempenhados, conforme será exposto. Em tradução livre, encontra-se a menção: Tratado médico filosófico sobre alienação mental ou mania por Ph. Pinel, professor da escola de medicina de Paris, médico chefe do Hospício Nacional para Mulheres, antigo Salpêtrière, membro de diversas sociedades científicas⁸. Na versão original, em francês, a obra inicia com uma apresentação do livro e do escritor:

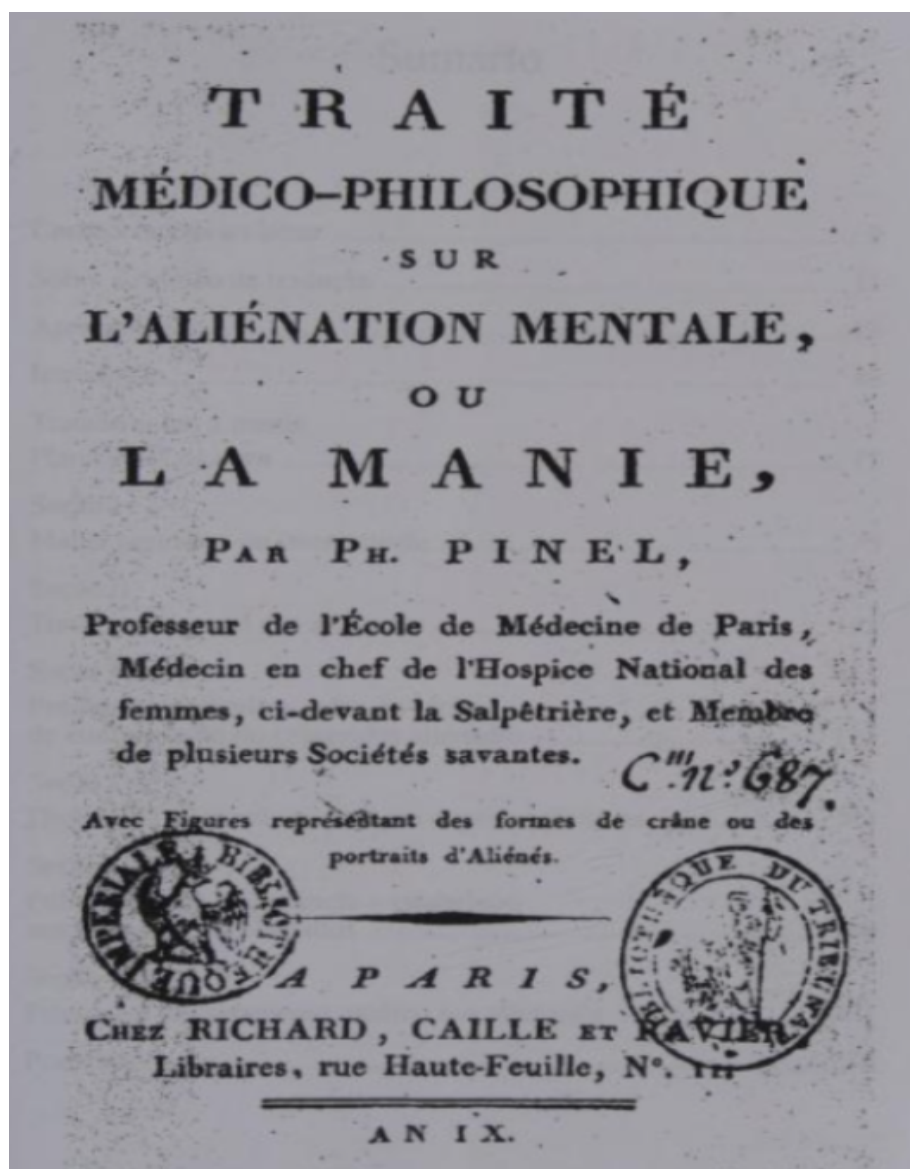
Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale, ou la manie, par Ph. Pinel, Professeur de L'École de Médecine de Paris, Médecin en chef de L'Hospice National des femmes, ci-devant la Salpêtrière, et Membre de plusieurs Sociétés savantes. Avec Figures représentant des formes de crâne ou des portraits d'Aliénés (Pinel, p. 7).

No frontispício da folha de rosto do *Tratado*, aparecem carimbos oficiais que constatarem sua idoneidade, confirmam a credibilidade do autor e atestam a veracidade e autenticidade da obra. O carimbo é uma forma utilizada por bibliotecas e coleções, para registrar de maneira relativamente simples a quem pertence o exemplar marcado, trata-se de uma forma de promover segurança de coleções especiais, contribuindo para a recuperação de obras, evitando roubo e dissociações, essencial para a segurança dos arquivos (Araújo, 2022).

⁸ Tradução livre realizada pela autora.

Por isso, destacam-se os elementos que asseguram a originalidade e autenticidade do documento, costumeiro em “itens que pertenceram a um ilustre personagem, que fizeram parte da fundação da instituição, que são patrimônio bibliográfico, pioneiros em algum assunto [...]” (Araújo, 2022).

Figura 1 - Frontispício da folha de rosto do *Tratado* na versão original



Fonte: Pinel (1800).⁹

Por sua vez, o conto *O Alienista* foi publicado pela primeira vez em capítulos pelo jornal *A Estação*¹⁰ entre outubro de 1881 e março de 1882, sendo, posteriormente, incluído na

⁹ *apud* edição brasileira da UFRGS, 2007.

¹⁰ *A Estação*, jornal ilustrado, conhecido como sendo direcionado às famílias, era um jornal de moda feminina de formação e entretenimento do Segundo Reinado (Teixeira 2010). “Vendia-se no Brasil como jornal de moda

Coletânea *Papéis Avulsos*, junto com outros contos do autor (Santos; Pontes; Santos, 2022). De acordo com os críticos as datas de publicações do referido conto são contemporâneas a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, lançado em 1880, também em capítulos. Santos (2019), menciona que esse período é chamado de “crise dos 40 anos”, uma vez que Machado necessitou se licenciar do cargo público no Ministério da Agricultura para tratar-se de um problema ocular. Há menções de que o afastamento pode ter tido razões mais complexas, inclusive ligadas ao tratamento de epilepsia (Gledson, 2011). Nesse cenário, possivelmente com outros motivos além destes, teria deixado as “ilusões” dos romances, passando agora a apresentar uma preocupação com “questões políticas da época, o autor teria renascido, irônico e esmagador” (Santos, 2019, p. 120).

Portanto, percebe-se a assunção de especial importância para essa compreensão historiográfica. Isso porque, no conto, há “um tratamento inédito e quase profético da questão da loucura [...] realiza dela um desvelamento que incide sobre um ângulo decisivo da questão: sua face política” (Gomes, 1994, p. 147). Na história fictícia é demonstrado o jogo de forças em torno da normatização e dos diversos critérios de normalidade que foram deflagrados pela ciência (Gomes, 1994). Por isso, Bacamarte, que em muito lembra Pinel, por sua crença e obsessão pela cura da loucura, apresenta-se enquanto uma autoridade em constante conflito jurídico com os parlamentares. Essa dinâmica literária apresenta a intenção machadiana em promover uma investigação de natureza política em torno do poder e dos discursos políticos e científicos, ambos discursos de poder.

Embora, ironicamente, o personagem Simão Bacamarte considere seu trabalho estritamente científico, seu asilo terapêutico somente será aberto graças à autorização e política da câmara de vereadores. Verifica-se que não existirá, na história ou na ficção, disponibilização de tratamento mental ou internação psiquiátrica sem substrato jurídico que lhe permita. A interface entre política, saber médico e procedimentos jurídicos é uma

parisiense, mas pertencia a uma organização alemã” (Teixeira, 2010, p. 50). Teixeira acredita que *A Estação* participou da transformação da inteligência no Segundo Reinado, tanto em plano político, social e literário e que Machado de Assis participa desse processo (Teixeira, 2010, p. 62). No entanto, explica que houve, inclusive, “esforço na crítica por extrair *O alienista* de seu ambiente de produção e circulação, tentando-se apresentar que o autor publicava nele apenas por estratégia de sobrevivência. Para determinados críticos, “Machado ter-se-ia mortificado por ter de escrever para um leitor com aquela dimensão social, que, prossegue raciocínio, certamente não captava o verdadeiro sentido de sua literatura.” Esses críticos buscaram identificar o *Jornal* como irrelevante cultural. Para Teixeira (2010, p. 65) há menções de que a incorporação da mulher aos quadros de percepção crítica da vida no Segundo Reinado, deveria converter-se em leitora ativa e culta, participando dos debates.”

constante no conto machadiano e nos registros históricos, garantindo e legitimando as ações do alienista fictício (Freitas; Cardoso, 2021).

Na apresentação do *Tratado*, os pesquisadores mencionam que a recepção da obra de Pinel manifesta-se na realidade brasileira visto que “o primeiro hospício brasileiro, o Hospício Pedro II, foi construído de acordo com o molde francês, inclusive em seus estatutos de funcionamento, inspirados na Lei francesa de 1838¹¹” (Oda; Dalgalarrodo, 2006, p. 39). E, apesar de somente tempos depois estes espaços serem medicalizados, há a influência das teorias pinelianas para suas concepções. Oliveira (2022) afirma que, assim como os demais países da América Latina, o Brasil, com o processo de independência, passou a preocupar-se com os tratamentos dos alienados, adotando essa precaução por não ser mais colônia e desejar integrar o grupo de territórios considerados “desenvolvidos”. Por isso, buscou-se a construção do Hospício Pedro II, inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro.

Antes disso, os doentes mentais que habitavam o Rio de Janeiro não contavam com assistência médica específica. Eram encaminhados às prisões sob acusação de vagabundagem e/ou perturbação da ordem pública, vagavam pelas ruas ou, ainda, eram encarcerados em celas especiais de hospitais. A partir da década de 1830, grupos de médicos higienistas passaram a defender a construção de hospícios destinados aos alienados, reivindicando tratamentos médicos para os sujeitos considerados doentes mentais (Costa, 2007).

Essa demanda por intervenção, contudo, radicalizou-se nas primeiras décadas do século XX, quando o projeto alienista inicial converteu-se em um movimento abertamente eugenista, consolidado, posteriormente, pela fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923. Parte do pensamento psiquiátrico aproximou-se de concepções eugenistas. Nesse novo estágio, a psiquiatria passou a atuar exercendo um saneamento racial e social, deslocando o foco da cura individual para a prevenção da “degeneração” da raça brasileira. Sob o pretexto científico da eugenia, os psiquiatras passaram a endossar preconceitos sociais e raciais, utilizando o internamento e o controle biológico como instrumentos de segregação de indivíduos considerados “indesejáveis” ou “improdutivos” para a nação. De acordo com

¹¹ Com a Lei de 1838, as pessoas detidas por causa da demência devem ser interrogadas pelos juízes, examinadas por médicos e, se forem reconhecidas insanas, tratadas em hospitais. Assim, ocorre a ruptura de um equilíbrio de controle de comportamentos partilhado antes entre a administração real, o aparelho judiciário e a família. Agora o compartilhamento de poder se dará com o judiciário, as administrações locais e a medicina (Lancman, 1991). A nova lei expõe toda a problemática da loucura e de sua relação com o governo. Para cada departamento [cada Estado], exige a criação de um asilo especializado, que vai separar a loucura do hospital geral; define as modalidades de internação; impõe um certificado médico para cada internação e coloca todos os estabelecimentos - públicos, religiosos ou privados -, sob a autoridade do Ministério do Interior (Murat, 2012).

Jurandir Freire Costa (2007, p. 49), tratava-se de um momento oportuno para a difusão da eugenia, em razão da abolição da escravidão, da imigração europeia, da migração de camponeses e ex-escravizados para os centros urbanos e dos efeitos econômicos da crescente industrialização, que agravavam as tensões sociais.

Já no contexto francês do século XVIII, a historiadora Laure Murat (2012) explica que a psiquiatria foi uma máquina política e a alienação mental serviu de instrumento de medidas ao poder vigente, associando o médico à administração pública. Assim, observa-se correlação entre Philippe Pinel e os acontecimentos da Revolução Francesa: “O nascimento da psiquiatria coincide exatamente com a invenção da guilhotina, e isso se deve mais à correlação histórica do que ao acaso, inclusive semântico, como sugere o duplo sentido, literal e figurado, da expressão ‘perder a cabeça’” (Murat, 2012, p. 59). Nítida, portanto, a correlação entre o alienismo e os acontecimentos políticos.

Roberto Gomes menciona a intenção de Machado de Assis, em questionar sobre o poder da ciência, preocupado em formular a pergunta fundamental do ponto de vista da política do saber: “que poder é este que emana da ciência, no que se funda, qual a razão das imunidades e privilégios que o Alienista toma para si? [...] nenhum poder é inocente; todo poder deve ter contestadas suas razões”. Por isso, a crítica nesta fonte literária concentra-se na crença no poder da ciência que a retórica científica pretende mascarar (1994, p. 153).

Os alienistas e a sociedade, ao escutá-los “colocam a fronteira da paixão política e seus excessos mórbidos entre as convicções pessoais e transbordamentos maníacos” (Murat, 2012, p. 23). Os discursos ideológicos e patológicos encontram-se articulados, e nessa época, não se dissociam. O internamento, por sua vez, consiste em um trabalho de afastamento do doente para reeducá-lo:

Afastando-se o doente dos males da sociedade, reeduca-se esse mesmo doente, de acordo com padrões da sociedade que fez aflorar nele a doença mental [...] O que constitui a cura do louco, para Pinel, é a reconstrução, reedificação, num tipo social moralmente reconhecido e aprovado (Perrot, 2000, p. 57).

Portanto, evidencia-se a fragilidade dessas narrativas médicas e patológicas que se encontram alinhadas com as convicções políticas e interesses vigentes da sociedade que pretende moldar o suposto louco ao seu padrão.

O suposto louco será assim intitulado, pelas concepções daqueles que são considerados “normais”, no entanto, para isso serão utilizadas crenças particulares, políticas e pensamentos individuais que servirão de tabelamento aos “outros” réprobos. “A ciência da

época debate a imposição de limites entre o normal e o anormal, tenta compreender a loucura como algo que não seja, simplesmente, oposto à ‘saúde moral’” (Perrot, 2000, p. 53). Pinel, em sua abordagem cientificista da loucura, a caracteriza como uma contradição dentro da razão, que continua a existir (Perrot, 2000). Nessa esteira que decorre a crítica satírica de Machado de Assis sobre essa delimitação de fronteiras entre o normal e o anormal como fruto de um debate inacabado, rodeado de intenções (Perrot, 2000).

Para Murat, o asilo será uma forma de controle das classes perigosas que aumentam bastante a partir do século XVIII, fundado na doutrina do isolamento que passa a oferecer “um apoio médico-científico à preocupação policial do governo” (Murat, 2012, p. 27). O próprio Pinel, é nomeado, durante o período do Terror, diretor de Bicêtre, constatação que corrobora a afirmação de Murat (2012, p. 27) de que “poucos cargos são tão políticos como os dos psiquiatras, que por vezes acumulam mandatos”. Da mesma forma, Bacamarte, detentor do poder e do prestígio científico, obtém também o poder político, por sua influência na Câmara de Vereadores (Perrot, 2000).

Paulo Amarante (1994) expõe que Pinel transporta a loucura para o campo da razão, possibilitando a ideia de curabilidade, mas para isso o alienado deve ser afastado de sua família, cidade e território, para ser reeducado entre-muros, podendo, assim, obter de volta a condição de “humano”. O isolamento encontra-se como princípio constituinte da psiquiatria, do asilo e da terapêutica moral, “funda-se na ideia de curabilidade da alienação, assim como na relação causa-efeito entre processo civilizatório e processo patológico, torna flagrante, por outro aspecto, a função social desta terapia que precisa excluir aquilo que pretende incluir.” (Amarante, 1994, p. 138). Assim, ao excluir o alienado da sociedade, buscava-se “consertá-lo” para, posteriormente, “reintegrá-lo”, agora considerado suficientemente civilizado. Se não se enquadrava, devia permanecer segregado do convívio social.

Com as novas concepções de tratamento mental aos alienados “a loucura foi desacorrentada, mas circunscrita no âmbito hospitalar, agora especializado” (Freitas; Cardoso, 2021, p. 43). Portanto, passa a existir uma legitimidade da psiquiatria para o exercício de técnicas e tecnologias com a proteção do estabelecimento e da instituição asilar para seus experimentos (Freitas; Cardoso, 2021). Nesse espaço, em que serão aplicados tratamentos desumanos de banhos frios, fome, sangrias e violência, mas também, experimentos e tratamentos psicológicos que objetivam a reinserção social do paciente, por meio de controle, acolhimento, docilização e trabalho. Por essa razão, o conto *O Alienista*, de

Machado de Assis, e a obra científico-filosófica de Philippe Pinel estabelecem diálogo, permitindo avançar em tentativas de análises mais profundas destes dois períodos históricos de transformações nas concepções e práticas em torno da loucura. Ambas as obras revelam o entrelaçamento entre medicina e política, revelando o compartilhamento de poder que marcou a origem da psiquiatria moderna.

Exposta essa seção, que buscou conceituar a atuação do alienista e apresentar as principais fontes que fundamentam esta análise, passa-se ao exame do conto *O Alienista*. No restante do capítulo, serão discutidas as aproximações entre a narrativa machadiana, os acontecimentos históricos relacionados ao surgimento da psiquiatria moderna e o *Tratado* de Philippe Pinel, analisando excertos das duas fontes históricas.

2.1 UMA LEITURA DE *O ALIENISTA* À LUZ DAS TEORIAS DE PHILIPPE PINEL

Ao longo desta seção, passagens da narrativa servirão como fio condutor para a discussão de acontecimentos históricos, reflexões acerca da loucura e diálogos com outras fontes, especialmente aquelas relacionadas ao pensamento alienista.

2.1.1 O surgimento da casa de loucos, classificação das loucuras e repressão psíquica

O Alienista inicia-se com o capítulo intitulado: “De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates”, em que o autor aborda a história do surgimento do asilo para os alienados e sua relação com a carreira do médico Simão Bacamarte. O médico, “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. [...] entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras” (Assis, 2004, p. 20). Nota-se uma espécie de apelo comum à época, de reforçar a erudição do doutor, e buscar, na Europa, o conhecimento mais aprofundado, “[...] essa exaltação se produz numa época em que o poder médico encontra suas garantias e justificações nos privilégios do conhecimento” (Foucault, 2021, p. 204). Bacamarte ficou encantado com o estudo do recanto psíquico, visto que na colônia não havia autoridade relacionada a esta matéria que era quase inexplorada. Para ele, as investigações sobre o estudo da alma seriam as ocupações mais dignas dos médicos (Assis, 2005).

O conto é rodeado de hipérboles relacionadas a este personagem médico apaixonado pelas ciências, e apesar de o autor não deixar explícito — e nem pretender deixar — se há inspiração em algum personagem histórico, é possível identificar que existem similitudes com

figuras históricas da época. O conto foi publicado pela primeira vez em 1882. Philippe Pinel publicou o *Tratado*, considerado o primeiro livro da psiquiatria, introduzindo inovações, na prática dos hospitais, em 1800 (Amarante, 2007). Portanto, há um espaço de aproximadamente oitenta anos entre as obras. Em 1800, Pinel organiza seu *Tratado*, e posteriormente, Machado de Assis fará sua leitura da sociedade brasileira vigente por meio do conto. Considerando as condições da época, pode-se reconhecer neste íterim o tempo para que questões levantadas em outras partes do mundo — especialmente na Europa — circulassem e fossem “acolhidas” em outras partes, como aqui no Brasil, ou vice-versa.

Importante observar que após a publicação do *Tratado*, surgem os estudos de Esquirol: “o primeiro e mais destacado discípulo de Pinel que afirmava que a casa de alienados, nas mãos de um hábil alienista, seria o agente mais poderoso para a cura da alienação mental” (Amarante, 2007, p. 33). Esquirol marcou intensamente o alienismo, contribuindo para a consolidação de instituições psiquiátricas que nasciam e para o estabelecimento da legislação francesa sobre os alienados de 1838, detalhou concepções sobre as quais eram as condições físicas e higiênicas necessárias aos hospícios de alienados e defendia o método de tratamento com uso moderado de medicamentos e o tratamento moral (Oda; Dalgarrondo, 2004).

Pinel também teve como influência, seu contemporâneo e amigo, o médico e filósofo, Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), que “ênfatizava a importância da experiência para o conhecimento e a fé na ciência” (Oda; Dalgarrondo, 2006, p. 24). Além desses, Pinel, no *Tratado*, menciona outros médicos que exerciam tratamentos e ensaios nos quais mencionavam curas e medicamentos, sem classificar as doenças e comportamentos. São mencionados diversos outros autores. Portanto, múltiplas são as inspirações médicas e literárias que permitem a releitura de Pinel para sua atuação e concepção psiquiátrica.

De acordo com Amarante¹², Machado de Assis teria acompanhado a trajetória do médico brasileiro João Carlos Teixeira Brandão, considerado o “Pinel brasileiro”¹³. Nessa

¹² “Em ‘O alienista’ tudo nos aproxima da história real de Philippe Pinel e de seu trabalho na construção do alienismo no final do século XVIII. Suspeito, aliás, que Machado de Assis tenha acompanhado bem de perto a trajetória de João Carlos Teixeira Brandão, conhecido como o “Pinel Brasileiro”. Fundador da psiquiatria brasileira, Brandão fez severas críticas ao primeiro hospício no país, o D. Pedro II, no Rio de Janeiro, do qual foi nomeado diretor médico em 1890. Nesse mesmo ano, assumiu também a direção da Assistência Médico-Legal aos Alienados, o primeiro órgão nacional de normatização e coordenação da assistência psiquiátrica.” (Amarante, 2006, p. 31)

¹³ Manoel Olavo Loureiro Teixeira expõe que Brandão chegou a se auto-intitular como Pinel brasileiro (Teixeira, 2008). Diante disso, publicou um artigo: “Teixeira Brandão: o Pinel brasileiro”, em 2005 no livro *Psicologização no Brasil*.

conjuntura histórica que a obra machadiana promove o debate sobre a (a)normalidade, sobre a ciência como produtora de verdade e sobre o mito da neutralidade científica (Amarante, 2007). Michel Foucault afirma que os procedimentos realizados nos asilos “tinham por função fazer do personagem médico o ‘mestre da loucura’; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde” (2021, p. 24). Fica evidenciado que Pinel, ainda que por meio de seus discípulos, influenciou significativamente o debate médico, repercutindo nos tratamentos prescritos e servindo também de alvo na crítica literária brasileira com suas teorias científicas.

Bacamarte solicitou autorização da Câmara de Vereadores para organizar o edifício em que promoveria o tratamento dos considerados loucos, e apesar de certa resistência, após insistir com um discurso eloquente, obteve aprovação por maioria. Empossado, construiu a Casa de Orates, inaugurada com grandiosa cerimônia e com pessoas de todos os lugares para admirar o estabelecimento. A partir disso, iniciam-se as experiências de tratamento do alienista no capítulo “Torrente de Loucos”: “O principal [diz Bacamarte] nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” (Assis, 2004, p. 22). Admite, ainda, que sem o asilo pouco poderia fazer e que suas teorias ganhariam terreno fértil para experimentação prática.

No conto, os alienados passam a ser divididos entre: furiosos, mansos e monomaníacos e, em apenas quatro meses, o asilo passa a ser uma povoação, sendo necessário estender seu território pela superlotação (Assis, 2004). A trajetória de Philippe Pinel difere do personagem construído por Machado de Assis, visto que Pinel, sem qualquer fortuna, é desajeitado, tímido e gago (Murat, 2012). Não possui discursos eloquentes como Bacamarte, apesar de exercer influência e engajamento político. Sua carreira demora para brilhar, por isso, o médico viverá durante um tempo do sustento de aulas particulares de matemática, artigos e traduções. Em 1784 inicia os trabalhos em Belhomme¹⁴, local em que passa a se interessar pela alienação mental e desenvolve o que chamará de tratamento moral (Murat, 2012). Da mesma forma que o personagem fictício de Machado de Assis, Pinel busca aplicar o tratamento moral desenvolvido no hospício em que trabalha.

¹⁴ Casa Belhomme, local em que Pinel começa a trabalhar, localizado na rua de Charonne, inaugurada em 1770 por um ex-fabricante de espelhos que aceitou, mediante retribuição, hospedar como pensionista o filho “idiota” de um aristocrata. A atividade mostrou-se rentável e ele decidiu explorá-la financeiramente (Murat, 2012).

Pinel inicia seu Plano geral da obra, intitulado “Tratado sobre a mania”, com as mesmas preocupações iniciais, depois suscitadas por Bacamarte, discorrendo sobre sua experiência inicial em Bicêtre e a necessidade de distinção das categorias de alienados:

Estavam ali alienados sombrios e silenciosos, aqui furiosos, com olhos ferozes e em contínuo delírio; acolá, todos com os indícios de juízo sadio eram acompanhados de arrebatamentos frenéticos; mais além, havia um estado de nulidade e de idiotismo estúpido. Sintomas tão diferentes, todos compreendidos sob o título geral da alienação, não deveriam ser cuidadosamente estudados, e não indicariam a necessidade de uma grande variedade de medidas para manter a ordem constante no hospício, e para a prescrição dos remédios e do regime? (Pinel, p. 71).

Visualiza-se que o alienista estava preocupado com a utilização genérica da categoria de alienados, necessitando distingui-los e separá-los para promover qualquer tratamento. Posteriormente, indica que realizou a reorganização dos alienados, para reconhecer a natureza de seus desvios, estabelecendo diários de observação. Para o sistema terapêutico de Pinel, o isolamento visava: “oferecer medidas de segurança à sociedade e ao próprio alienado e melhor observá-lo, para melhor tratá-lo. Assim, a função do hospício de alienados seria oferecer um tratamento que reconduzisse à razão pela disciplina e pela repressão em justa medida” (Pinel, p. 27). É interessante a utilização da palavra “repressão em justa medida” na busca por eliminar a loucura, reenquadrando o sujeito à razão.

Pinel e, depois, Bacamarte, creem na função social do isolamento, quando bem feito e organizado em categorias. “Podem ser divididos em grupos distintos e isolados para evitar aos convalescentes a comunicação nociva, e por assim, dizer contagiosa, pelo espetáculo dos atos de delírio e extravagância” (Pinel, p. 73-74). Há no tratamento e na separação de corpos uma preocupação com a propaganda social dos delírios, que poderiam multiplicar-se nos outros pacientes ou conviventes, com comportamentos considerados piores.

Autorizada, assim, a repressão psíquica, sem violações físicas e degradantes como as feitas por outros alienistas. Pinel defende o método expectante, sendo contrário a qualquer “tratamento muito ativo”, com intervenções físicas drásticas como sangrias, medicamentos que provocassem vômitos ou evacuações, ou violações físicas (Pinel). Relata que, por conta desses tipos de tratamento físicos, “pacientes exangues e debilitados ao extremo pelo tratamento chegavam muitas vezes a Bicêtre para morrer” (Pinel, p. 29). Estabelece, inclusive, sua indignação com os asilos que:

Foram considerados lugares de reclusão e isolamento para enfermos perigosos e dignos de serem sequestrados da sociedade, e desde então seus guardiães,

frequentemente desumanos e sem luzes, autorizam atos arbitrários de dureza e violência contra eles, ao passo que a experiência mostra sem cessar os felizes resultados do caráter conciliador e da firmeza branda e compassiva (Pinel, p. 72).

A teoria científica e a insatisfação contra os tratamentos desumanos, que violavam a integridade física, se encontram tanto nos discursos de Pinel quanto de Bacamarte. Pinel, insatisfeito com as justificativas científicas, crê na ineficácia das violências e abusos corporais aos alienados. Bacamarte, por outro lado, pretende barrar as segregações existentes e o caminho único da morte. Para eles, a ciência, o método científico e o tratamento de ordem moral deveriam prevalecer para a curabilidade. Assim, entre diversos debates, condiciona-se a “verdade” científica por eles estabelecida que vigorará nos estatutos dos hospícios. De acordo com Foucault, o poder que o médico exerce no asilo exerce a função de “prova e produção da verdade por um lado; conhecimento e constatação dos fenômenos por outro — se redistribuem e se superpõem exatamente” (2021, p. 205). Há, assim, uma confiança no tratamento psicológico; na intervenção mental, de forma que não faltarão experimentos psíquicos nos pacientes.

A repressão é permitida, quando for considerada, pelo médico, como “justa”. Pinel expõe que os “guardiães, frequentemente desumanos e sem luzes”, autorizavam atos de violência contra eles, que ao seu ver, eram ineficazes. Manifesta que a maior parte dos médicos permaneceu na “cega rotina” de tratamentos físicos sem dar atenção ao tratamento moral; o médico insurge-se contra a negligência pelo “ponto de vista puramente filosófico da alienação do entendimento” (*Ibidem*, p. 73). Para ele, a organização do hospício, a classificação das doenças e distinção de tratamentos teriam maior potencial curativo que os tratamentos anteriormente conferidos.

2.1.2 O alieni\$mo¹⁵ e a política: comercialização e indústria da loucura

No capítulo literário “Deus sabe o que faz”, há menção à viagem da Sra. Evarista, companheira do alienista, ao Rio de Janeiro, visto que estava descontente com a atenção exclusiva do médico para os alienados. Um ponto que chama atenção é a menção de poder aquisitivo obtido pelo alienista, ainda que em nenhum momento esteja explícita sua pretensão de obtenção. Quando Bacamarte lhe oferta a viagem, Evarista resiste: “Oh! mas que dinheiro

¹⁵ O emprego do cifrão (\$) em “alieni\$mo” constitui um recurso irônico do título, utilizado para destacar a relação entre loucura, poder e interesses econômicos. O símbolo sugere uma crítica à transformação da alienação mental em objeto de institucionalização, controle e mercantilização, como melhor será apresentado na seção.

será preciso gastar!"; Bacamarte lhe responde: "Que importa? Temos ganho muito" (Assis, 2005, p. 25). Visualiza-se, assim, a intenção machadiana em fazer menção à obtenção de poder econômico do sujeito alienista com os tratamentos médicos adotados.

Em seguida, o médico lhe apresenta as finanças e o local do dinheiro: "Eram montes de ouro [...] era a opulência. Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérvida das alusões: — Quem diria que meia dúzia de lunáticos..." (Assis, 2005, p. 25). Machado de Assis faz questão de enfatizar que os considerados loucos foram o motivo do acréscimo financeiro na realidade do alienista e de sua esposa, que se apresentam conscientes dessa realidade no conto.

Em 1784, quando Pinel inicia os trabalhos em Belhomme, o faz como funcionário do local, diferentemente de Bacamarte que administrava a Casa Verde e determinava os tratamentos que seriam seguidos como chefia. O alienista francês, em sua tentativa inicial de aplicar suas teorias científicas esbarra com as pretensões econômicas do diretor do estabelecimento que "preocupado em conservar o maior tempo possível uma clientela rica, não se interessa pelos tratamentos que ele preconiza, chegando mesmo a obstruí-los" (Murat, 2012, p. 62). Jacques Belhomme obtinha vantagens de famílias abastadas, desejosas de livrar-se dos doentes mentais.

"O novo dono de pensão tem pouco interesse em ver curada essa clientela rica. Pinel logo percebe e terá de lutar contra os obstáculos à alienação do seu tratamento" (Murat, 2012, p. 111). Ele próprio menciona: "a indiferença visível do chefe pela cura dos pensionistas ricos, ou antes um desejo inequívoco de ver fracassarem os remédios: em muitos outros casos a confiança exclusiva do mesmo chefe no uso de banhos ou de algumas receitas minuciosas e frívolas" (Pinel, p. 104). Portanto, havia um interesse financeiro por parte de determinados médicos e donos de pensões, que preferiam a manutenção do diagnóstico do alienado, para garantir a permanência no estabelecimento com a contribuição pecuniária.

A instituição hospitalar francesa obtinha um duplo financiamento, correspondente ao dinheiro do Estado e dos pensionistas (Murat, 2012). Percebe-se, desse modo, a existência de um interesse estatal e público visto que utilizava de recursos públicos. Trata-se, então, de uma política coletiva destinada ao bem comum. De igual modo, no conto, Bacamarte também fez questão de solicitar a organização de um tributo para o financiamento da Casa Verde. No edifício construído trataria todos os loucos "mediante um estipêndio que a Câmara lhe daria

quando a família do enfermo o não pudesse fazer” (Assis, 2005, p. 21). Por isso, o poder político do alienista, é também um poder financeiro sobre a sociedade em que vigora.

Outras menções quanto a esposa do alienista: “Ela provava nessa ocasião um vestido de seda - um dos 37 que trouxera no Rio de Janeiro” (Assis, 2014, p. 49), apresentam com sutilidade os caros vestidos e joias de Evarista, companheira do alienista fictício. Ocorre que, posteriormente, quando a população começa a suspeitar do poder do alienista, este renuncia ao pagamento da Câmara e dos familiares afirmando se tratarem de experiências de alto valor psicológico. Na teoria francesa, Pinel também apresenta-se como um homem de virtudes que não está interessado em avanços financeiros, somente experimentações científicas, no entanto, visualiza-se que essa situação é corriqueira entre outros alienistas que priorizam os valores financeiros arrecadados.

Posteriormente, quando Bacamarte decide que Evarista deve ser enclausurada para tratamento, também adverte sobre seu entusiasmo cego aos bens materiais: “tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da Câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira” (Assis, 2014, p. 72). As ostentações financeiras da companheira de Bacamarte são constantes, sempre relacionadas aos vestidos para os eventos e as joias de grande valor financeiro. No momento de internação da companheira, Bacamarte descreve a loucura de sua esposa como “mania suntuária”. Uma mania relacionada ao luxo, que embora ele não faça menção, se dá em razão da condição financeira que comportava.

Visualiza-se, portanto, a ironia de Machado de Assis, em demonstrar que a história dos tratamentos mentais e das internações tiveram como marca uma pretensão econômica e financeira. Nessa reflexão Pereira *et al.* (2020) explicam que as internações, inclusive, foram utilizadas muitas vezes como um disfarce para isolar determinados indivíduos do convívio quando considerados obstáculos para pretensões econômicas, políticas e sociais. O Hospício Dom Pedro II, por exemplo, o único hospital especializado na América Latina, torna-se um ponto de confluência de pacientes do Brasil e de outros países (Gonçalves, 2013), sendo, inclusive, enviadas diversas cartas às províncias pedindo para que parassem de enviar pessoas sem autorização, porém, sem resultados. Desta forma, essa “demanda crescente e incessante, baixa resolutividade terapêutica que culminou em superlotação e desvirtuamento da instituição” (Silva, 2009, p. 223).

Aproximadamente cinquenta anos depois da publicação do conto machadiano, como herança das práticas terapêuticas, haverá outro desfecho na história brasileira dos

considerados doentes mentais. E nessa história percebe-se uma forma de continuidade de práticas que iniciam com o alienismo e que tornam a obra de Machado de Assis uma espécie de profecia sobre os tratamentos psicológicos e sobre a crença cega no poder da ciência.

Arbex (2013) expõe sobre o Hospital de Barbacena, na esteira da história sobre os manicômios brasileiros, o “comércio da loucura” e a ganância das clínicas particulares. Explica que a instituição hospitalar mineira atendeu interesses políticos e impulsionou a economia local. “Em 1930 no Brasil, ocorre a superlotação do Hospital Barbacena; em um local projetado para 200 pessoas, encontram-se aproximadamente 5 mil pacientes e por isso ocorre a substituição de camas por capim”. A história dos tratamentos psicológicos e a ausência de recursos e espaço adequado é somada à superlotação. Arbex (2013, p. 24) evidencia: “A intenção era clara: economizar espaço nos pavilhões para caber mais e mais infelizes”. Compreende-se, portanto, que as intenções econômicas, por trás dos tratamentos mentais, são sempre existentes, embora disfarçadas.

A instituição manicomial lucrou, inclusive, com a venda de cadáveres para universidades, “o responsável localizou o diretor da medicina e ofereceu a cada corpo por 1 milhão (cerca de R\$ 364,00 nos dias atuais). Se a universidade não quisesse, já tinha comprador no Rio de Janeiro” (Arbex, 2013, p. 24). Isso decorre de um processo de condições dos estabelecimentos aos internos: “Como a subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimentos provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação” (Arbex, 2013, p.24). Além de economizar com os custos da internação que ocorriam de forma precarizada, o estabelecimento brasileiro lucrava com uma macabra indústria de venda de corpos.

Visualiza-se que os discursos sobre os alienados, fundados inicialmente por médicos como Pinel e Esquirol serão incorporados por lideranças políticas brasileiras que passarão a repeti-los durante toda a metade do século XIX, sempre advertindo que a alienação mental será considerada enfermidade que precisa de tratamento em local especializado, que a assistência existente é desumana e inadequada, que o lugar dos alienados deve ser distinto dos demais doentes ou das cadeias, e que devem ser removidos da circulação.

Dessa forma, percebe-se a existência de um tratamento profético e desconfiado de Machado de Assis a respeito das instituições que se mostram promissoras de tratamentos psicológicos e que discursavam sobre a erradicação da loucura. O escritor “apresentava a

capacidade ímpar de enxergar o futuro das coisas, principalmente daquelas ainda não ditas” (Arbex, 2024, p. 63). Quando o escritor adverte sobre os interesses financeiros e políticos sobre a fictícia Casa Verde, não aponta somente os riscos de lucro pelo sujeito alienista, mas sim, toda uma indústria detentora do monólogo da razão, que age em nome do discurso científico, com interesses nem sempre compartilhados ou divulgados. Logo, essa desconfiança que *O Alienista* crava na utilização científica da loucura encontra-se atemporal para observação da história, posto que adverte também sobre os comportamentos políticos e individuais dos alienistas, que atuavam em nome de um interesse coletivo.

2.1.3 Coadjuvantes: não se organiza um hospício, nem se aplica o Tratamento Moral sozinho

No capítulo “Uma teoria nova”, Machado de Assis explicita a atuação coadjuvante de Crispim Soares, ajudante de Bacamarte, como personagem essencial para a aplicação dos métodos terapêuticos teorizados pelo médico. Como auxiliar e funcionário da Casa Verde, o boticário da vila, também era devedor de fidelidade à Simão Bacamarte. Por isso, quando a esposa do alienista viaja para o Rio de Janeiro, Crispim sente-se coagido a consentir que sua esposa a acompanhe, enquanto permanece em Itaguaí com Bacamarte.

Dessa forma, o capítulo inicia-se com o mal-estar sentido pelo auxiliar de Bacamarte com a situação imposta: “estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar” (Assis, 2019, p. 40). Ficou consternado temendo que sua mulher tivesse falecido. Começou a proferir xingamentos a si próprio: “Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador. Só para adular o Sr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda; aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Diz amém a tudo, não é? Aí tens o lucro, biltre!” (Assis, 2015, p. 40). Percebe-se que a subordinação irreduzível do boticário começa a aparecer com maior criticidade, incomodado com os consentimentos constantes a todas as ideias do alienista, Crispim percebe que não pode topar tudo que lhe é proposto.

Bacamarte, na ocasião, lhe chamava para expor uma nova ideia. Na oportunidade, admite: “a loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (Assis, 2015, p. 42). Nesse momento, explica ao boticário que fará a expansão do território da loucura. Para ele, a loucura abrangia uma vasta quantidade de cérebros e mencionou diversos personagens históricos que eram loucos

em sua concepção: Sócrates, Pascal, Maomé... O boticário, embora tenha achado a ideia exagerada, somente assentiu com entusiasmo. Percebe-se, nessa visão, que a loucura é encontrada em grandes personagens da história, muitas vezes necessária para que acontecimentos grandiosos ocorressem. Visualiza-se, uma espécie de romantização no olhar sobre o louco, em que talvez a loucura não seja de todo mal, embora tenha que ser tratada.

Bacamarte exclama que prefere praticar sua ideia ao invés de anunciá-la. Pinel também nunca se estendeu teoricamente sobre o famoso tratamento moral, “preferindo sempre ilustrar, por exemplo. Ele repetirá seguidamente suas regras de base [...]” (Murat, 2012, p. 75). Visível, portanto, a similitude na ausência de fundamentação teórica, partindo-se diretamente para experimentação prática tanto na realidade histórica, como na ficção machadiana. Em sequência, explicou para Crispim que: “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia” (Assis, 2015, p. 44). Acrescenta que com esta definição: “a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa” (Assis, 2015, p. 44). Verifica-se que Machado de Assis começa a ironizar a crença cega nos limites da loucura, delimitada com literalidade, sem margem para outras interpretações diversas, em um ato unilateral de vontade, exercido pela ciência — ou melhor, pelo sujeito alienista. De igual modo, percebe-se o exagero atribuído no conceito da loucura, classificada por Bacamarte. Ele será o delimitador dos loucos, perante suas próprias concepções de normalidade. A Crispim cabe obedecer e auxiliar a execução.

Impossível realizar a presente leitura, pensando no *Tratado* de Pinel, sem se lembrar dos personagens “coadjuvantes” da história do alienista francês, como Esquirol — seu fiel discípulo, e o vigilante, Jean-Baptiste Pussin, encarregado dos cuidados com os alienados, que exercerá uma função semelhante ao atual “enfermeiro psiquiátrico” (Murat, 2012). Pinel ao discorrer sobre o insano, expõe que o trabalho do zelador e dos demais trabalhadores é essencial para conter os momentos de loucura:

Dotado de uma audácia intrépida que o leva a dar livre expansão a seus caprichos extravagantes e, no caso da repressão, a travar combate com o zelador e com as demais pessoas em serviço, a menos que ajam por meio da força e reunidos em grande número, ou seja, é necessário, para contê-lo, um aparato impositivo que possa agir fortemente sobre sua imaginação, convencendo-o de que toda resistência será vã: este é um dos grandes segredos dos hospícios que mantém a ordem, prevenindo acidentes funestos em casos imprevistos, concorrendo de forma poderosa para a cura da mania (Pinel, p. 88).

O zelador e os funcionários do hospício, de acordo com o alienista, devem servir de “aparato impositivo” que exerça força sobre o psicológico do alienado, rompendo com as crenças de que é possível resistir. Para o médico, somente assim seria possível manter a organização do hospício, evitando “acidentes”, possivelmente relacionados a óbitos, fugas ou crimes, encaminhando uma potencial cura. Para Roberto Machado (2007, p. 436) no Hospício “quem se ocupa desta função de vigilância é sobretudo o enfermeiro, que deve acompanhar os doentes por todos os lugares e em todos os momentos”. No *Tratado*, Pinel também discorre que o zelador “tem de redobrar a vigilância, sobretudo durante os períodos de frio rigoroso, a fim de impedir que o alienado sucumba a este estado de atonia. Obriga-se a esquentá-lo, a lhe dar porções fortificantes, a estender sobre ele dois ou três cobertores de lã” (Pinel, p. 91-92). Portanto, embora os tratamentos sejam elaborados pelo médico alienista, os exerce mediante uma equipe, inclusive para promover a sobrevivência dos pacientes.

Murat expõe que é tarefa do vigilante dirigir os insensatos e impor o tom de comando, ele materializa a tarefa sob a direção intelectual do médico. O vigilante constitui-se como “braço armado do filósofo médico que desempenha o papel principal, toma a iniciativa, intervém, tranquiliza, corrige e contém os alienados” (2012, p. 78). Portanto, os trabalhos do alienista contam com um corpo assistencial para o funcionamento. Embora não seja essa a função exercida por Crispim Soares, na ficção, faz lembrar essas funções assistenciais, muitas vezes, dotadas de obediência e lealdade ao médico alienista. Nesse sentido, Foucault expõe que “a organização do espaço asilar, o desencadeamento e desenrolar das cenas, só é possível, só é aceito e só é institucionalizado no interior de estabelecimentos que recebem nessa época o estatuto médico, e da parte de pessoas que tem a qualificação médica” (Foucault, 2006, p. 16).

O personagem Bacamarte menciona que em vez de anunciar seus tratamentos, prefere experienciá-los. O mesmo ocorre com Pinel que “nunca se estendeu teoricamente sobre esse famoso tratamento, preferindo sempre ilustrar por exemplo” (Murat, 2012, p. 75). Escreve no *Tratado*, suas experiências terapêuticas, sem conceituar explicitamente o Tratamento Moral, somente expõe que esse deveria:

[...] produzir adequadas diversões por meio de ocupações sérias ou árduos trabalhos durante os intervalos de calma, a reprimir, durante o restabelecimento, as esquisitices e caprichos dos insanos por uma firmeza inflexível e através de um aparato atemorizante, sempre usando o tom da benevolência e as vias brandas; a prescrever todo excesso de intemperança, todo assunto referente à tristeza e à

cólera; e a prolongar enfim, tanto quanto for preciso, a estada do insano no hospício, e a prevenir sua saída prematura. (Pinel, p. 93).

De acordo com Murat (2012, p. 76) “o tratamento moral consiste primeiramente em proteger o alienado, depois em dar-lhe confiança, fase prévia de uma terapia que comporta outra subdivisão importante: a intimidação. Pois se trata de reprimir a loucura sem levantar a mão contra ela”. Assim, embora não devam existir violações físicas, percebe-se que o alienista deve manipular e contornar os supostos delírios, para posteriormente erradicá-los. O alienista discorre que seria necessário “consolar os alienados, de falar-lhes com benevolência, de lhes fornecer por vezes respostas evasivas a fim de não amargurá-los com recusas, de lhes imprimir, outras vezes, temores salutareis e de triunfar, sem ato algum de violência, sobre sua obstinação inflexível” (Pinel, p. 101). Assim, acolhe, para reprimir.

A historiadora menciona que a busca de Pinel encontra-se presa ao “demônio da dominação e a ambição de uma comunicação com o louco, que resultará no fracasso que conhecemos” (Murat, 2012, p. 77). Para ela, essa derrota advém da incompatibilidade de um programa ideológico coletivo do confronto com a singularidade da loucura. Pinel, em seus escritos, deseja incessantemente combater a loucura, no entanto, pertence “em termos simbólicos, entenda-se — a um comitê médico de salvação pública de uma república da Razão que combate a loucura — tanto dos tiranos como dos insanos” (Murat, 2012). Portanto, a destinação desses tratamentos, que à primeira vista parecem benevolentes e ingênuos, revela contradições evidentes, especialmente quando direcionados àqueles que não se enquadram na moral vigente. Além disso, para sua efetivação, faz-se necessária a atuação de um corpo médico vigilante, acompanhado por outros alienistas e por uma equipe de auxiliares e enfermeiros, uma vez que a atuação individual do alienista não é suficiente para o exercício do controle.

2.1.4 “O terror”: internações como correções comportamentais

No capítulo intitulado “O terror”, o autor descreve a internação do personagem Costa que, portador de uma boa herança, passou a realizar empréstimos, sem receber de volta os valores. Talvez o conto queira retratar a figura de um príncipe, que não soube administrar seus bens, constantemente enganado pela má-fé alheia, razão pela qual é internado na Casa Verde. Quando identificam que Costa está internado, alguns sujeitos questionam Bacamarte sobre a situação, mas a resposta é que “a ciência era ciência, e que ele não podia deixar na rua um mentecapto” (Assis, 2015, p. 46). Outra senhora que foi justificar que Costa perdeu o dinheiro

porque havia sido amaldiçoado também foi levada à Casa Verde. Posteriormente, outras diversas pessoas foram internadas.

Surge assim o sentimento de “terror” na população que fica assustada com as internações. Torna-se pública a opinião que a Casa Verde é um cárcere privado e o medo de ser internado começa a prevalecer no povo, que dizia que as internações ocorriam por “vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí [...] mil outras explicações que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública” (Assis, 2015, p. 50). O povo passa a andar com capangas, orações, medo e revolta.

Sobre o medo popular narrado no conto, há um tom irônico que remete ao clima de temor e suspeição existente na França durante a Revolução Francesa. Lembra-se o risco de ser internado no hospício ou de enfrentar a guilhotina. O “medo de perder a cabeça”, ou pior, de ser considerado alguém que “perdeu a cabeça” e consequentemente internado, começa a prevalecer na sociedade fictícia. Fenômeno semelhante, mas dessa vez literal, pairou sobre a sociedade francesa revolucionária, em que o “medo de perder a cabeça” era um perigo real em razão da utilização constante da guilhotina. Conforme destaca Murat, “Sob o Terror, a guilhotina passou a ser uma realidade cotidianamente representada, contada, entoada nas ruas pela canção popular” (Murat, 2012, p. 53). A historiadora aponta que entre 2.600 e 3.000 pessoas foram executadas pela guilhotina, entre março de 1793 e agosto de 1794.

Esse número aproxima-se do apresentado por Daniel Gomes de Carvalho, segundo o qual aproximadamente 2.500 pessoas foram guilhotinadas entre 1792 e 1794. Percebe-se, portanto, a presença do medo popular presente em ambas as exposições, fictícias e históricas, sobre projetos desenvolvidos pela medicina.¹⁶ Daniel Gomes de Carvalho menciona Donald Greer, que afirma que 500 mil pessoas teriam sido detidas durante o período revolucionário, embora muitas fossem libertadas após algumas horas ou dias, enquanto os tribunais revolucionários teriam proferido aproximadamente 17 mil condenações à morte.

As menções de Machado de Assis, sobre a revolta popular dos personagens, são de que Bacamarte, para população, seria um tirano. “— Abaixo a tirania [...] — É preciso derrubar o tirano” (Assis, 2015, p. 54). Cria-se, assim, na história fictícia, um imaginário popular sobre a patologização da loucura, os usos deturpados da justificativa científica e o

¹⁶ Constata-se a existência de diversas outras obras literárias produzidas que retratam esse período de medo popular e das mortes pela guilhotina na França, como “O último dia de um condenado”, de Victor Hugo, de 1829 e “A última ao cadafalso”, de Gertrud von le Fort, de 1931.

poder desenfreado do sujeito alienista. Apesar da ficção, de fato, os alienistas ocuparam esse cargo de dizer quem é louco e quem não é. “Colocado em um lugar da ciência que, acredita-se, não é contaminado pelas influências da cultura, da economia e da sociedade, o alienista, valendo-se de sua percepção social, determina o que é normal e o que é patológico” (Amarante, 2007, p. 41). Exerce sobre a sociedade o poder de incluir e excluir da loucura, conforme seus próprios critérios, que, em tese, são científicos, e, portanto, inquestionáveis.

Murat (2012, p. 109) quando retrata que em 6 de agosto de 1793, no dia da nomeação de Pinel como diretor de Bicêtre, o antigo hospício que trabalhava, “Belhomme, torna-se uma prisão por ordem do Terror”. Esse período, também conhecido como “Reino do Terror” ou “Terror Jacobino”, foi considerado o momento mais radical da Revolução Francesa, marcado por uma violência institucional significativa, que “coloca sob a tutela de instituições revolucionárias ligadas ao Estado a missão de caçar, prender, julgar e executar suspeitos de rebeldia e traição naquele período de guerra” (De Paula, 2015, p. 5). É nesse período que fica mais evidente a força política de instituições como os hospícios, hospitais e asilos, aquelas responsáveis por “vigiar e punir”, fazendo-se aqui uma referência ao título de uma das obras de Michel Foucault.

Daniel Gomes de Carvalho pesquisador do tema, no capítulo “O que foi o Terror?” de sua obra recentemente publicada, *Revolução Francesa* (2022) expõe, com base em historiadores como Jean-Clément Martin e Pierre Serna, que o período jacobino e suas práticas não evidenciam a existência de um Estado “totalitário” ou “terrorista”, mas constituem, antes, “parte de um esforço para intervir em um conjunto de crises que escapava aos controles convencionais” (2022, p. 137). Nesse contexto, nenhum grupo detinha isoladamente o monopólio legítimo da violência estatal; ao contrário, diferentes agentes reivindicavam para si o direito de agir em nome da Revolução e do povo.

De acordo com Carvalho, citando o historiador Pierre Serna, o Terror “foi um conjunto de violências exercidas em muitas direções, dentro de um país que convivia com guerra, temor de conspiração e escassez” (2022, p. 137). Evidentemente, tal interpretação não implica a justificação dessas violências pelas circunstâncias históricas. Contudo, a historiografia recente compreende o Terror como um fenômeno complexo e multifacetado, marcado por diversas formas de violência, exercidas por diferentes atores e com propósitos distintos em um contexto de intensa instabilidade política e social. Ainda assim, permanece

evidente e incontestável que se tratou de um período sangrento, permeado pela desconfiança social e pelo constante temor da guilhotina.

Pinel passa de uma casa de saúde transformada em cárcere para um hospício conhecido por ser uma casa de correção do Antigo Regime. Murat explica que sob o Terror, o poder político estreita o casamento entre a alienação e a repressão, de forma que a assimilação entre as casas de saúde e prisão política torna-se uma realidade que o poder nem se preocupa mais em ocultar (Murat, 2012). Castel (1978) explica que a loucura se pôs como desafio à sociedade nascida nas convulsões da queda do Antigo Regime. Problemas como administração, ordem, justiça, finanças, disciplina, política e governo colidiram com a questão da loucura, que passa a necessitar de uma divisão de responsabilidades compartilhada entre Estado, Justiça, Família e Medicina.

Na ficção, o alienista insere no isolamento aqueles que compreende como loucos; na história francesa, as casas de saúde também são espaços de detenções improvisadas, como casa de correção ou de castigo. Foi assim que “Saint-Just¹⁷ passou por essa experiência. Foi enviado, ainda adolescente, por sua mãe à casa da senhora Sainte-Colombe em Picpus, após ter fugido de casa, em Paris, em 1786” (Murat, 2012, p. 111). Portanto, identifica-se que o considerado louco que necessita de tratamento, será, muitas vezes, aquele que é considerado desviante ou desobediente. Machado de Assis, é perspicaz com o nome do capítulo “O terror” em que apresenta a revolta e desconfiança do povo, com o poder do alienista, que se coloca como um tirano, com um poder real e absoluto, para promover as internações da forma que quiser.

Carvalho (2022) expõe que a palavra “Revolução”, atribuída à Revolução Francesa, muitas vezes leva a crer que o fenômeno ocorreu de maneira unificada, o que não é correto. Esse período histórico ocorreu, de maneira plural em suas possibilidades, anfíbia em seus legados e diversas em seus protagonismos. A Casa Verde, no capítulo seguinte “A rebelião”, passa a ser chamada de “bastilha da razão humana”, pelo povo de Itaguaí, o que demonstra que existe correlação histórica da utilização dos títulos com os acontecimentos reais históricos. A Bastilha foi uma prisão francesa, considerada símbolo da tirania monárquica francesa, tomada pelo povo em 1789, ato este que marcou o início da Revolução Francesa:

¹⁷ Louis Antoine Léon de Saint-Just (1767-1794): Personalidade da revolução burguesa de fins do século XVIII, um dos chefes dos jacobinos, aliado de Robespierre (Bebiano, 2022).

A multidão, então, atacou a Bastilha. Foram oficialmente reconhecidos 953 homens e uma mulher (a lavadeira Marie Charpentier), como os ‘conquistadores da Bastilha’. Entre eles, 661 eram artesãos. O mais velho tinha 72 anos e o mais jovem, 8 (Carvalho, 2022, p. 74-75).

Portanto, se no conto a Casa Verde era considerada uma “Bastilha”, ela passava a representar, aos olhos da população de Itaguaí, um símbolo de opressão e arbitrariedade. Nesse sentido, a rebelião dos habitantes da vila pode ser lida como uma versão ficcional da insurreição revolucionária francesa, voltada, porém, contra o poder científico e institucional encarnado por Simão Bacamarte e pelo alienismo. Na ficção o povo desconfia das reais intenções das internações, que não seriam motivadas exclusivamente pela loucura.

Na França, por sua vez, as prisões políticas justificadas pelo critério de alienação, de fato, ocorrem: “Entre 1802 e 1805, cerca de trezentas mulheres são conduzidas ao Salpêtrière pela polícia, sem passar pelo setor de admissão que deveria examiná-las. [...] O hospital público não passa de uma prisão entre outras, na qual se exerce o controle social” (Murat, 2012). A internação médica e a detenção administrativa que formam uma mesma continuidade, possibilitada pelo vazio jurídico que se encontra permitido até a lei de 1838, visam assim, principalmente, os prisioneiros políticos (Murat, 2012). Portanto, o alienismo medicalizado e os abusos de poder, conduzidos pela política levantam o questionamento acerca do poder do alienista.

Castel (1978) adverte que a loucura é inoportuna, improdutiva, perigosa, indecente, inquietante. Nesse sentido, o vazio institucional e legislativo na qual ela se encontra no final do século XVIII, levantam questões sobre como qual autoridade se encarregará de deter o perturbador, em que estabelecimento será colocado, qual administração se encarregará dos gastos da manutenção se for indigente, quem será responsável de prolongar e interromper as sequestrações desses indivíduos considerados loucos. É nesse cenário de insegurança jurídica que são apresentadas soluções “que com frequência selam o destino de 5 a 10 mil indivíduos” (Castel, 1978, p. 51). Para Castel, naquela época, como existia o direito de controle das condutas físicas, também deveria existir o direito de inspeção sobre suas condutas morais, que apesar de escaparem do formalismo da lei, encontravam respaldo no aparelho da medicina.

Para Shimoguri e Costa-Rosa (2017) o Tratamento moral firmou trabalho como eixo regulador das mazelas sociais, vez que acreditava-se que a laborterapia desempenhava uma função corretiva e disciplinar, ocorre que nos manicômios, a internação não seguia necessariamente uma racionalidade clínica, mas sim um caráter de limpeza social, em que

eram reclusos os marginalizados, pervertidos, miseráveis, delinquentes e também os loucos, pretendia-se extirpar da sociedade a ociosidade e a mendicância, existindo uma exigência financeira e moral para o trabalho.

Foucault (1997), por sua vez, adverte para a descoberta do “horror” dos loucos nas celas dos hospícios, quando os “inocentes” são tratados como culpados. Ele menciona que não trata-se de um estatuto humano para a forma que será a loucura tratada, mas sim uma nova forma de relacionamento:

Na época de Pinel, quando a relação fundamental da ética com a razão será convertida num relacionamento segundo da razão com a moral, e quando a loucura não será mais que um avatar involuntário sucedido, do exterior, à razão, **se descobrirá com horror a situação dos loucos nas celas dos hospícios. Vem a indignação pelo fato de os “inocentes” terem sido tratados como “culpados”. O que não significa que a loucura recebeu finalmente seu estatuto humano ou que a evolução da patologia mental sai pela primeira vez de sua pré-história bárbara**, mas sim que o homem modificou seu relacionamento originário com a loucura e não a percebe mais a não ser enquanto refletida na superfície dele mesmo, no acidente humano da doença. **Ele considera então inumano que se deixem apodrecer os loucos** no fundo das casas de correição e dos quartéis de força, não mais entendendo que, para o homem clássico, a possibilidade da loucura é contemporânea à escolha constituinte da razão e, por conseguinte, do próprio homem. **E tanto nos séculos XVII ou XVIII não há margem para tratar a loucura “humanamente”, pois ela é, de pleno direito, inumana** (Foucault, 1997, p. 144, grifos nossos).

Foucault (1997, p. 116) também menciona que “o internamento destina-se a corrigir, e se lhe é fixado um prazo, não é um prazo de cura mas, antes, o de um sábio arrependimento”. O tempo que marca e limita o internamento será o tempo moral das conversões e da sabedoria para que o castigo tenha efeito. O filósofo menciona que há nas casas de internamento o aspecto de prisão. Inclusive a própria bastilha comporta sujeitos considerados loucos. Com Pinel: “a psicopatologia do século XIX [...] acredita situar-se e tomar suas medidas com referência num homo natura ou num homem normal considerado como dado anterior a toda experiência da doença. Na verdade, esse homem normal é uma criação” (Foucault, 1997, p. 132). Assim, a medicina serve de instrumento de correção, categorizando o (a)normal, para o poder vigente.

O aprisionamento dos considerados indesejados nas instituições medicalizadas não é retrato só da França ou da literatura, vez que “desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos” (Arbex, 2013, p. 23). Portanto, tratava-se como louco aquele que não estava no

padrão aceito, como mencionado anteriormente. Foi assim que Barbacena, que embora não seja o foco principal deste trabalho, mas que serve como exemplo emblemático dos tratamentos aos considerados loucos, “tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos” (Arbex, 2013, p. 23). Desse modo, observa-se que, embora inseridas em contextos históricos distintos, as experiências francesa e brasileira revelam aproximações quanto à utilização das instituições destinadas à loucura como espaços de exclusão daqueles que não se enquadravam nos padrões sociais vigentes.

Logo, a opinião coletiva que desvenda a revolta popular no conto de Machado de Assis, encontra respaldo não somente para a contemporaneidade do conto, em 1882, mas também para o século posterior, atuando de forma visionária sobre a atuação científica que se dará posteriormente. Como dito por Arbex (2024, p. 92) no prefácio de uma nova edição de *O Alienista*, após constatações de similitude entre realidade e ficção, “Machado de Assis já tinha falecido quando isso aconteceu, mas ficaria surpreso com tamanha verossimilhança”.

Exposta a discussão sobre o funcionamento das internações como instrumento de correção comportamental, o próximo capítulo introduzirá um novo trecho do conto, no qual se apresenta uma perspectiva acerca do adoecimento em contextos revolucionários. Na sequência, serão analisadas algumas técnicas de tratamento empregadas por Pinel em casos específicos durante a Revolução Francesa, especialmente aqueles relacionados aos delírios de natureza política.

3 O TERROR É PAI DA LOUCURA

Com a revolta popular, iniciou-se um movimento contra o alienista e a Câmara de Vereadores, organizado pelo barbeiro Porfírio Dias. Após um conflito armado, e uma revolução, liderada por este personagem, o barbeiro passa a ser o detentor do poder político. Crispim Soares, nesse momento, fica desesperado, crendo que o médico seria deposto e preso, e que ele, cúmplice, teria o mesmo destino. “A tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível” (Assis, 2019, p. 75), razão pela qual o único caminho que Crispim Soares encontrou foi o adoecimento: “declarou-se doente e meteu-se na cama” (Assis, 2019, p. 75). Posteriormente, Crispim vai até o palácio do governo, para

declarar apoio ao barbeiro, sob a alegação de que só não o fez antes, pois estava doente, fingindo uma tosse.

A perspectiva literária de Machado de Assis apresenta o adoecimento como alternativa para evitar a punibilidade. Essa utilização deu-se em diversos momentos, em especial na França, a fim de evitar a guilhotina. Embora esses relatos não estejam explícitos no *Tratado* de Pinel, Murat (2012) adverte que Pinel, durante o período revolucionário, chegou a ocultar Condorcet e diversos outros prisioneiros políticos. Era nesse momento que o vigilante Pussin, fiel devedor de lealdade a Pinel, exercia o trabalho de cuidar de detentos anteriormente prometidos ao Tribunal Revolucionário.

A historiadora questiona se esses homens foram considerados loucos, diante dos padrões da época, ou se apenas simulavam a loucura para permanecer no asilo, em vez da prisão (Murat, 2012, p. 123). Percebe-se então que o comportamento desses homens se assemelha a situação de Crispim, escondido em sua casa, a fim de evitar qualquer castigo político. De igual forma, perspicaz a narrativa literária de Machado de Assis ao atribuir a uma falsa doença a justificativa de ausência ao enfrentamento político.

Já em outros casos, Murat observa que em uma semana o paciente era considerado sem aparência de alienação mental, embora mantivesse suas palavras contra o poder vigente; enquanto na outra semana era internado “*ex officio imperatoris*” pela “extravagância e incoerência” de suas palavras (Murat, 2012, p. 127). Visualiza-se que o asilo torna-se também um local para esconder revoltosos e internar os considerados loucos que não deveriam ser guilhotinados. Há um caminho duplo de preferências a ser escolhido: a morte ou o internamento.

No capítulo “Dois lindos casos”, o alienista entrega-se ao Barbeiro, sendo surpreendido, quando Porfírio subitamente muda de ideia e menciona que o tratamento da loucura é questão puramente científica e que não pode entrar no ânimo do governo eliminá-la. Menciona a necessidade de apenas dar satisfação ao povo, ofertando a manutenção do médico no poder. Sugere retirar da Casa Verde aqueles enfermos quase curados e os “maníacos de pouca monta” (Assis, 2019, p. 81), para mostrar ao povo tolerância e benignidade. No entanto, quando o alienista é cientificado de onze óbitos e vinte e cinco feridos em razão do conflito, conclui: “Eis aí dois lindos casos de doença cerebral” (Assis, 2019, p. 81), expondo que tanto o Barbeiro, quanto o povo que o apoiava só poderiam ser doentes mentais diante da indiferença com tantas mortes e ferimentos.

Lima (2019) menciona que no conto a revolta, liderada por Porfírio, termina por reinserir o alienista no poder político, pois o poder médico está inserido nas mesmas malhas de poder que legitimam os discursos e práticas religiosas e governamentais. Mesmo com a tomada de poder, inicialmente motivada pela suposta deturpação do poder médico pelo alienista, não se retira a autonomia do poder científico e de seu discurso, justamente por sua suposta legitimidade. O conhecimento médico é apenas substituído por outro discurso científico ou médico. Esse poder também não é descartado do jogo político, sendo ele incólume.

Pinel, ao seu modo, também preocupava-se com a quantidade de mortes na França, em especial dos alienados, zelando para a manutenção da integridade física e evitando castigos corporais. O médico francês manifesta no *Tratado* sua profunda insatisfação com os tratamentos brutais conferidos aos alienados, no entanto, permanece tratando como normal aqueles que prescrevem atos de violência contra eles. Observa-se as seguintes menções de indignação:

Tudo pendia para que eu me voltasse quase exclusivamente para o tratamento moral, a fim de suprir as desvantagens do local e da disposição do hospício, não menos que os obstáculos oriundos da instabilidade e das trocas sucessivas da administração; de um lado, o interior do hospício muito fechado e próprio a fazer experimentar o frio intenso do inverno e o calor ardente do verão; **celas semelhantes às tocas de animais, privação total de banhos, apesar de minhas solicitações reiteradas;** inexistência de um lugar espaçoso e sombreado para entregar os alienados a trabalhos de cultivo ou a exercícios variados (Pinel, p. 105, grifo nosso).

Nessa exposição fica evidente o local destinado aos alienados como semelhante aos destinados para animais, com ausência de cuidados decentes. Posteriormente, Pinel questiona também os métodos de tratamentos com castigos desumanos:

Por que razão encontra-se nos escritos dos antigos e sobretudo nos de Celso uma espécie de método intermediário, **um sistema de meios curativos fundados sobre punições severas pela fome, pelos golpes, pelas correntes, para reprimir o alienado quando os avisos e as vias mais brandas tornam-se inúteis?** Por que razão estabelecimentos públicos ou particulares têm sido conduzidos por princípios análogos? (Pinel, p. 111, grifo nosso).

Porém, diferente de Simão Bacamarte que acreditava que as autoridades que permitiram tamanha violência portarem algum tipo de problema psicológico, Pinel não se pronunciou sobre a lucidez cognitiva ou não de quem pratica esses atos de violência. Pinel apenas descredibiliza esse tipo de ações, apoiado em seu poder científico e seu título de médico. Percebe-se, novamente, que o discurso médico apenas é substituído por outro discurso médico. Nesse ponto, percebe-se a astúcia de Machado de Assis em construir uma

personagem que, ao mesmo tempo que é obcecada pela ciência e pelo tratamento da loucura, identifica e problematiza a naturalização de mortes por parte de Porfírio e de seus apoiadores.

No conto, o alienista passa a inserir na Casa Verde os aclamadores do Novo Governo. Porfírio cai do poder e assume João Pina, que mencionava a necessária luta contra um “intruso eivado de más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade, etc.” (Assis, 2019, p. 46). Interessante o uso de menção de “más doutrinas francesas”, por Machado de Assis, que podem referir-se às influências médico-filosóficas ou às influências revolucionárias francesas e ao pensamento iluminista.

No entanto, uma força enviada pelo vice-rei restabelece a ordem e o alienista retoma o poder, exigindo a entrega de Porfírio e de cinquenta outros indivíduos. Machado de Assis narra que “este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe” (Assis, 2019, p. 87). Ao saber da momentânea decisão de adesão de Crispim Soares à rebelião, mandou capturá-lo. Crispim não negou, mas mencionou que “cedera a um movimento de terror, ao ver a rebelião triunfante” (Assis, 2019, p. 89). Bacamarte responde que “o terror também é pai da loucura” (Assis, 2019, p. 89). Internou também o presidente da Câmara. Iniciou-se, assim, uma nova “coleta desenfreada [...] tudo era loucura” (Assis, 2019, p. 89).

Pinel, em seu *Tratado*, de maneira semelhante à do Alienista machadiano, manifesta que “a economia animal pode ser perturbada tanto pelo medo e terror quanto pela tristeza profunda. O medo que nasce da ideia de um perigo mais ou menos distante, traz uma impressão geral de uma debilidade sobre quase todas as partes internas ou externas” (Pinel, p. 56). Dessa forma, Pinel apresenta casos concretos ocorridos no cenário francês que explicitam o pavor da guilhotina e o adoecimento psíquico causado pelo Terror, em correspondência a construção narrativa de Machado de Assis. Pinel detalha o caso de um ourives que acreditava que tinham trocado sua cabeça em meio ao cenário de Revolução (Pinel, p. 86). Também expõe casos em que insanos “se acreditavam revestidos da potência suprema e que se intitulam Luís XVI” (Pinel, p. 85).

De acordo com Murat (2012, p. 53), sob o regime do Terror a guilhotina passou a ser uma realidade cotidiana na França, “representada, contada, entoada nas ruas pela canção popular [...] Entre propaganda, fantasma e humor negro, a máquina cumpriu com rigor sua obra no período do Terror”. Caiam em média cinco cabeças ao dia na capital francesa, porém, em determinadas ocasiões, chegaram a ser registradas sessenta e oito execuções em um só

dia. A historiadora explica que a guilhotina e as execuções causavam um sentimento de necessidade de ruptura, promessa e condição de mundo reformado.

Talvez por isso que Pinel mencionará que há um aumento nos loucos durante o período revolucionário e que Simão Bacamarte, no conto, dirá que o Terror é pai da loucura. De acordo com Murat (2012) o Terror difunde uma espécie de medo e ameaça e o povo torna-se passivo e mudo, arrastado por uma força cega que o ultrapassa. Diante desse clima fúnebre e aterrorizante causado pelas forças da guilhotina, Murat apresenta dois exemplos descritos por Pinel de pacientes com delírios relacionados à guilhotina.

Um dos casos retratados é de um operário que em determinado dia apresenta em público suas opiniões sobre a condenação de Luís XVI, e a partir disso se recolhe em profunda consternação e perde o juízo, sendo enviado para tratamento. “A ideia de ser condenado a perecer pela guilhotina o absorve inteiramente dia e noite, não cessando de repetir que está pronto a sofrer seus destino já que nada pode livrá-lo” (Pinel, p. 225). Pinel tenta lhe dar trabalho de alfaiate para auxiliar em sua cura, com melhora inicial, mas sem sucesso contínuo. Nessa ocasião, Pinel decide armar com três jovens médicos para que vestissem com trajes negros a fim de realizar um falso julgamento definitivo. No falso julgamento o absolvem de suas acusações, devendo permanecer por seis meses em seu trabalho no asilo. De início a ação funciona, no entanto, a melhora não se mantém, e, novamente, sem reação, recai em delírios e a situação piora quando lhe contam que tudo não passou de uma brincadeira. Passou a ser considerado incurável (Pinel, p. 227).

Outro caso é marcado por um relojoeiro que afirma não ter sua cabeça pois a perdeu sendo guilhotinado, descrito na seção “Feliz expediente empregado para a cura de um maníaco” do *Tratado* de Pinel:

Ele acreditava que sua cabeça tinha caído sobre o patíbulo, e que fora colocada misturada a cabeças de várias outras vítimas, e que os juízes, por um arrependimento tardio de sua sentença cruel, teriam ordenado resgatar essas cabeças e realocá-las em seus corpos respectivos, mas que, por uma espécie de descaso, teria sido colocada sobre seus ombros a cabeça de um de seus colegas de infortúnio (Pinel, p. 114).

De acordo com Pinel esse delírio o ocuparia dia e noite sendo necessário seu envio ao Bicêtre. Acreditava que os dentes podres que portava não eram mais os seus, pois teriam trocado sua cabeça. Desejava, portanto, ser operado, para retomar sua antiga cabeça. Diante disso, Pinel decide realizar um tratamento inteligente por intermédio de uma brincadeira irônica que levaria a cura do paciente. Para confrontar esse delírio, Pinel relata que utilizou

um terceiro que deveria conversar com o paciente e conduzir o diálogo de modo a evidenciar a incoerência da crença.

Durante a conversa, o jovem menciona o famoso milagre de São Denis, segundo o qual o santo teria caminhado carregando a própria cabeça nas mãos e a beijado repetidamente, após sua decapitação. O relojoeiro sustenta a possibilidade do fato e tenta confirmá-lo por meio de seu próprio exemplo. Nesse momento, o interlocutor reage de forma irônica e pergunta: “Que insano és tu! Como São Denis teria podido beijar sua testa? Teria sido com seu calcanhar?” (Pinel, p. 116). A réplica evidencia o absurdo lógico da situação, afinal se a cabeça estivesse separada do corpo, também a boca, necessária para o beijo, não estaria no corpo que caminha, sendo impossível um beijo na própria cabeça que estava em suas mãos. Segundo Pinel, a pergunta inesperada provoca grande confusão no paciente, que se retira envergonhado e deixa de falar sobre a suposta troca de cabeça, retomando posteriormente suas atividades e sendo reintegrado à vida familiar, supostamente curado.

No conto fica exposto que Simão Bacamarte também teria feito curas que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí. O médico, quando decidiu que, na verdade, a loucura residia nos casos em que havia perfeição psicológica dos pacientes, exercia sua terapêutica confrontando as qualidades predominantes. “Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, — graduá-las, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo” (Assis, 2019, p. 113). Nisso há exemplo semelhante ao de Pinel, para o tratamento de um louco considerado modesto, Bacamarte solicita um cargo honorífico para o Governo de Lisboa, como meio terapêutico para um difícil caso. “Foi outro santo remédio” (Assis, 2019, p. 114). O alienista, por vezes, quando a qualidade predominante resistia a tudo, atacava outra parte, “aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir” (Assis, 2019, p. 114). As técnicas utilizadas por Bacamarte se assemelhavam às terapias, não científicas, mas intuitivas, cultivadas por Pinel.

Dos fatos apresentados percebem-se alguns pontos fundamentais, como registros de que o Terror culminava em novos delírios, diante das preocupações constantes relacionadas ao medo da guilhotina. Além disso, percebem-se casos em que a doença encontrava-se como uma justificativa para o internamento, por vezes para isolar e por vezes para evitar a guilhotina. Também percebe-se que os alienistas inovaram em tentativas terapêuticas que buscavam curas alternativas para os delírios, em especial com utilizações confrontantes de

ideias, armações, mentiras e brincadeiras, buscando retomar uma lucidez, ou encobrir as loucuras. Por vezes, as técnicas foram eficazes, retornando os pacientes aos exercícios diários do cotidiano de suas vidas. Em outros, sem sucesso, o paciente continuou com os chamados delírios.

3.1 A LOUCURA DAS MULHERES “NAMORADEIRAS”: ABANDONO E APAGAMENTO

No conto, há duas menções que chamam a atenção sobre o tratamento conferido às mulheres, as quais merecem uma análise com enfoque em questões de gênero, embora essa não seja a intenção principal deste trabalho. Em determinado momento, fica exposto que o alienista “respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício” (Assis, 2019, p. 89). Também há outra menção em certo ponto do conto, quando o alienista interna a esposa de Crispim: “queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde”, razão pela qual Evarista o tirou da dificuldade, responsabilizando-se por ver a amiga e transmitir os recados, para evitar que Crispim tivesse que pisar novamente na instituição.

Na França, Pinel atuou durante 25 anos, de 1795 a 1820, no Salpêtrière, sendo responsável pelas mulheres consideradas loucas (Murat, 2012, p. 88). Apesar disso, os homens ocupam espaço central no *Tratado* aqui analisado. Murat expõe que há pouquíssimas histórias individuais de mulheres, frequentemente simplificadas a condições genéricas e estados civis, embora a loucura fosse considerada duas vezes mais comum entre as mulheres, condicionada por fatores como pobreza e o controle de prostitutas e “devassas”. Para Murat (2012, p. 89), essas mulheres tratadas por Pinel, e enclausuradas nessas instituições psiquiátricas, são mulheres “públicas, mendigas, velhas com demência senil, geralmente analfabetas, que foram dissolvidas na massa informe dos indigentes, não pertencendo, individualmente, à história”. As histórias e relatos cuidadosos, os casos concretos detalhados com evolução, cura e importância são centrados nos homens.

De pronto, percebem-se duas características marcantes na história da loucura das mulheres, evidenciadas por Machado de Assis: primeiro, as mulheres eram facilmente consideradas loucas, especialmente se fossem “namoradeiras” — aqui, podem-se considerar como “namoradeiras” quaisquer comportamentos despadronizados atribuídos à sexualidade; o segundo ponto é que, uma vez consideradas loucas, eram facilmente abandonadas por seus

companheiros ou familiares. Bastou o temor de voltar à Casa Verde para que Crispim abandonasse o contato físico com a companheira de vida que sempre o apoiou.

De acordo com França (2024), a loucura foi atribuída às mulheres enquanto técnica de disciplina e controle social, numa prática de silenciamento. Na Idade Média, a loucura fora atribuída às mulheres, materializando-se como bruxaria, seja pelo manuseio da botânica ou da sexualidade (Federici, 2017). Essas bruxas eram mulheres em desconformidade com o poder vigente da época. Posteriormente, dessa vez sob a égide da loucura, as mulheres fora dos padrões aceitos continuaram a ser institucionalizadas, excluídas e silenciadas, mas agora denominadas de loucas (França, 2024, p. 87).

Engel (2006, p. 333) aponta que, para Pinel, eram consideradas irrecuperáveis as mulheres atribuídas a “um exercício não conforme da sexualidade, devassidão, onanismo ou homossexualidade”. Outrossim, a loucura feminina estava ligada à “essência” feminina, sendo a mulher diminuída e enclausurada conforme o que se espera de seu corpo e de sua sexualidade (Engel, 2006). Em razão desse tipo de pensamento vigente, Simão Bacamarte não conseguiria ignorar a “necessidade” de institucionalizar as “namoradeiras”. Isso decorre de um pensamento médico vigente em que “consolidava-se o processo de medicalização da loucura, transformando-a em doença mental, em objeto exclusivo de um saber e de uma prática especializados, monopolizados pelo alienista” (Engel, 2006, p. 322).

Jacques Donzelot, em *A polícia das famílias* (1980) explica que havia a necessidade de conciliar os interesses do Estado e das famílias, visando à manutenção da paz doméstica e à moralização dos comportamentos. Por essa razão, o crescimento da polícia no século XVIII apoiava-se no poder familiar, incutindo promessas de felicidade e tranquilidade. Tratava-se de uma conveniência tática. Para as famílias, o que as perturbava eram os filhos adulterinos, os menores rebeldes e as mulheres de má reputação — tudo aquilo que pudesse prejudicar a honra, a reputação e a posição social familiar. Já o que inquietava o Estado era o desperdício de forças vivas, isto é, a existência de indivíduos inutilizáveis ou considerados inúteis. Dessa forma, hospitais gerais, conventos e hospícios funcionavam como uma superfície de absorção dos indesejáveis, constituindo a base de uma estratégia marcada por uma série de intervenções corretivas sobre a vida familiar (Donzelot, 1980).

De acordo com Donzelot, no Antigo Regime francês, a família era simultaneamente sujeito e objeto de governo. O uso das *Lettres de Cachet de Famille* configurava-se como um mecanismo de intercâmbio que regulava as obrigações entre a instância familiar e a esfera

pública, fazendo intervir, de um lado, a ameaça que indivíduos desligados da religião e dos bons costumes representavam para a ordem pública e, de outro, o perigo das desobediências familiares. Repetiam-se, assim, os pedidos de internação dirigidos ao governo de moças de família das quais se temia a “vigarice”, bem como de homens que fugiam com mulheres de classe inferior. Tratava-se de uma colaboração em que “o Estado diz às famílias: mantende vossa gente nas regras da obediência às nossas exigências, com o que, podereis fazer deles o uso que vos convier e, se eles transgredirem vossas injunções, nós vos forneceremos o apoio necessário para chamá-los à ordem” (Donzelot, 1980, p. 46).

Nessa cena, a sexualidade feminina era vista como um elemento de perigo social. No solo brasileiro, esse tipo de tratamento da loucura em relação às mulheres advém de uma herança iniciada em território francês como influência externa. Engel (2006) expõe casos de mulheres consideradas alienadas no Brasil, no final do século XIX, em que a que a loucura era atribuída ao órgão genital, sendo inclusive, realizadas torturas físicas para curar os delírios, “como a extirpação do clitóris e a introdução de gelo na vagina” (Engel, 2006, p. 339). As concepções sobre a histeria foram formuladas por alienistas europeus, principalmente franceses, e difundiram-se entre os alienistas e médicos brasileiros.

Nesse contexto, cumpre registrar que, em 10 de outubro de 1887, Aluísio de Azevedo publicou a primeira edição do romance *O Homem*. A obra narra a trajetória de Magdalena, ou Magdá, inicialmente descrita como uma jovem alegre, mas que, após descobrir que o homem por quem era apaixonada era seu meio irmão, o qual vem a falecer posteriormente, passa a viver em profundo sofrimento emocional. Diante desse quadro, o médico da família, Dr. Lobão, diagnostica-a com histeria. A personagem é retratada como vítima de intensas alucinações de cunho sexual, culminando no assassinato de Luís, trabalhador que figurava como seu amante em tais delírios.

Como forma de “cura”, o médico recomenda o casamento, afirmando: “Casamento é um modo de dizer, eu faço é questão do coito! Ela precisa de homem” (Azevedo, 1887, p. 79), evidenciando a concepção de que apenas a atividade sexual seria capaz de restaurar a saúde física e mental da mulher. Desse modo, a narrativa associa a loucura feminina à ausência de relações sexuais, ao mesmo tempo em que evidencia a realidade social das mulheres da época, cuja sexualidade era condicionada ao matrimônio, inexistindo legitimidade para uma vida sexual fora dele (Mendes; Camello, 2019).

Por outro lado, o abandono da mulher excluída, registrado por Machado de Assis em formato de ficção, não se alterou ao longo do tempo. Ainda hoje, quando consideradas enfermas, ou quando sentenciadas e reclusas em instituições prisionais, ou hospitalares, as mulheres são frequentemente abandonadas por seus companheiros. De maneira semelhante à “louca”, a mulher considerada “criminosa”, “rompe com o estereótipo ditado pela cultura ocidental e apresenta-se contrária aos padrões criados e desenvolvidos pela sociedade, afastando-se da figura de mãe e esposa, sendo excluída e marginalizada (Chalita; Sousa, 2021, p. 89).

Por essa razão, a mulher que se desviasse das regras sociais impostas, como o dever de ser uma boa esposa e uma boa mãe, “era vista como ameaça social por disseminar um modelo de sexualidade e de liberdade que deveria ser eliminado para não influenciar outras mulheres” (Chalita; Sousa, 2021, p. 90). Além da punição estatal e da reclusão prisional, a mulher presa sofre também outras penalidades, como bem advertem Chalita e Souza, sendo uma das principais: o abandono da família, registrado por Machado de Assis no comportamento de Crispim Soares.

Por mais que, na ficção, o caso seja registrado pelo medo do novo encarceramento, essa foi e continua sendo a realidade das mulheres. De acordo com Chalita e Sousa (2021, p.96), “60% das mulheres presas não recebem qualquer tipo de visita. A grande maioria das mulheres encarceradas vem do abandono social, sendo que a prisão apenas instrumentaliza esse abandono.” Portanto, a narrativa exposta na ficção nos conduz para reflexões contemporâneas sobre a mulher.

Percebe-se então que mais do que retratar casos de mulheres consideradas “loucas”, Machado de Assis evidencia, por meio da sátira, a lógica social que historicamente vinculou a feminilidade ao controle do corpo, da sexualidade e do comportamento. A figura da “namoradeira”, da histérica ou da mulher desviante revela não apenas um diagnóstico médico, mas um mecanismo de exclusão social destinado àquelas que ultrapassaram os limites impostos ao papel feminino. Nesse contexto, a loucura feminina não se restringia a uma condição clínica, mas assumia função disciplinadora, legitimando o silenciamento, a institucionalização e o abandono dessas mulheres.

A análise das concepções alienistas francesas, especialmente a partir de Pinel, bem como sua recepção no Brasil, demonstra que a medicalização da mulher esteve profundamente relacionada à construção de padrões morais sobre sexualidade, casamento e

maternidade. Em *O Homem*, a sexualidade feminina aparece simultaneamente como causa da loucura e como instrumento de sua “cura”, revelando a contradição de um discurso médico que transformava o corpo feminino em objeto de vigilância e intervenção constante.

Ao aproximar literatura, história e gênero, percebe-se que o abandono da mulher considerada inadequada, seja a louca, a criminosa, a histérica ou a “desviada”, constitui uma permanência histórica. A exclusão dessas mulheres ultrapassa os limites do cárcere ou do hospital psiquiátrico e alcança também o campo simbólico, por meio do apagamento de suas experiências, vozes e individualidades em registros históricos. Assim, a crítica machadiana permanece atual posto que, embora os discursos científicos tenham se transformado ao longo do tempo, ainda persistem mecanismos sociais que classificam, controlam e marginalizam mulheres que não correspondem aos padrões socialmente esperados.

Após a discussão acerca da classificação das loucuras, dos mecanismos de repressão e vigilância, da exploração econômica da loucura, das internações como forma de correção comportamental e das representações atribuídas às mulheres, passa-se à análise de algumas tentativas de construções narrativas produzidas sobre esse período histórico, utilizando-se pinturas que retratam Pinel.

3.2 UM ATO DE HEROÍSMO? OS LOUCOS SÃO LIBERTOS.

No capítulo “O assombro de Itaguaí”, o alienista decide soltar todos os considerados loucos. Ele conclui que a loucura não está nos casos em que o equilíbrio das faculdades é imperfeito e absoluto, mas justamente o contrário. Em sua nova concepção, é saudável existir desequilíbrio nas faculdades, devendo ser consideradas hipóteses patológicas aquelas em que o equilíbrio é ininterrupto. Houve uma mudança na idealização do que significava ser louco. Na França, Pinel ficou conhecido por supostamente decidir que os loucos deveriam ser soltos. De acordo com a narrativa, a soltura não ocorria por muito tempo, nem em muitos espaços, mas os indivíduos não deveriam mais ser acorrentados com amarras de ferro. Essa narrativa, em que Pinel é retratado como uma figura heroica dos considerados loucos, é exposta em

obras de arte¹⁸ como de Tony Robert-Fleury¹⁹ (figura 2) e Charles Louis Lucien Muller²⁰ (figura 3).

Possíveis motivações governamentais para encomenda do quadro à Tony-Robert-Fleury relacionam-se com a necessidade de recuperação psíquica e social da França diante da Guerra Franco-Prussiana de 1870 e da Comuna de Paris, em 1871. Esses eventos despertaram o orgulho nacional por meio da arte e da medicina, objetivando uma “nação francesa saudável” (Hunter, 2016)²¹. De acordo com Amarante (2007, p. 35), “o histórico gesto de Pinel desacorrentando os loucos poderia nos dar a ilusão de que os loucos teriam sido libertados das correntes e salvos da violência institucional”. Compreende-se assim, que há uma tentativa de induzir o público observador a crer nesse acontecimento, supostamente marcado por coragem, bravura e por um protagonismo de Pinel.

Conforme a historiadora de arte Jane Kromm (2002)²² houve uma intensa campanha para recontar a história da psiquiatria na França, homenageando figuras consideradas importantes, sobretudo relacionadas à medicina. Vê-se, assim, que diversas são as utilizações para a realização da pintura. Segundo Maxime du Camp (1875²³), a ideia de remoção das correntes originou-se do vigilante Jean-Baptiste Pussin²⁴, que identificou o efeito positivo sobre o comportamento. Posteriormente, Pinel teorizou sobre o acontecimento que teria ocorrido em 23 de maio de 1798, como parte do “tratamento moral”, levando o crédito. No entanto, após sua morte, seus sucessores Esquirol e Sciopin Pinel transferiram a data do ato original de libertação dos pacientes em Bicêtre para 1792, evitando que fosse associada à política do Terror, para que fosse lembrada como apoiadora das ideias da Revolução.

¹⁸ Hunter (2016), em *The face Of Medicine: Visualizing Medical Masculinities in late Nineteenth-Century Paris* faz uma análise do relacionamento entre a arte e a medicina, abordando a relevância da cultura de arte visual na cultura médica e científica, explora a função das obras de arte e das coleções médicas como papel fundamental na formação da imagem pública da medicina científica.

¹⁹ Nascido em Paris em 1837, falecido em 1911, Tony Robert-Fleury foi um pintor famoso de retratos, cenas e obras históricas. Regularmente fazia exposições no Salão de Paris, recebendo medalhas. Lecionou na Académie Julian em Paris.

²⁰ Charles Louis Müller, nascido em 1815, falecido em 1892, foi um famoso artista francês, retratista e decorador, apelidado de Müller de Paris. Popular entre a burguesia parisiense. Estudou inicialmente em Paris na Escola de Belas Artes.

²¹ *apud* Gómez; Liebreznz, 2021, p. 2.

²² *apud* Gómez; Liebreznz, 2021, p. 2.

²³ *apud* Gómez; Liebreznz, 2021.

²⁴ Há menções de que Jean-Baptiste Pussin, que de fato teria realizado o suposto gesto libertador, mas que acabou relegado ao esquecimento, diante do protagonismo atribuído à Pinel (Gómez; Liebreznz, 2021, p. 3).

Figura 2 - Pinel Libertando os Loucos de Suas Correntes, 1876



Autor: Tony Robert-Fleury, Óleo sobre tela, 13 pés e 2 polegadas x 16 pés e 5 polegadas. Paris, Hôpital de la Salpêtrière.

Ao observar o quadro, identificamos mulheres alienadas, em sua maioria, com amarras ou correntes, que estão assustadas, jogadas ao chão, tristes, desconfiadas e curiosas. Na cena, Philippe Pinel exibe uma postura de bravura, tendo sua mão beijada por uma alienada de joelhos. Além disso, um homem, possivelmente Pussin, o vigilante, retira as amarras de uma alienada com decote visível, rosto angelical e sem reação física diante do ato. Na obra, há mulheres idosas e jovens, sendo que quatro das mulheres jovens apresentam partes do corpo visíveis. Uma delas, aparentemente arrancando a própria roupa com o seio à mostra. Outra, que segura uma boneca, como se fosse um bebê, pode sugerir uma representação da infância. “É evidente em suas expressões faciais e linguagem corporal, em suas roupas reveladoras e em sua aparência descuidada” (Gómez; Liebreznz, 2021, p. 3), em desconformidade com a expectativa social vigente, que idealizava a mulher bem cuidada, paciente e mãe de família.

De acordo com Berlin (2003), o internamento das mulheres decorreu da elevada presença de mendicância nas ruas de Paris, com aproximadamente cinco mil pessoas em situação de rua, especialmente mulheres, que passaram a ser obrigadas a ficar no hospício. Com o passar do tempo, o Hospital Geral tornou-se um hospital exclusivo para mulheres, onde eram destinadas às adolescentes “más”, confinadas na seção de correção, podendo posteriormente ser reabilitadas. Mulheres prostitutas ficavam na seção comum. As que

havia sido presas eram alojadas na seção chamada “Cadeia” e havia outra seção denominada “Quartel dos Insanos”, onde ficavam as enviadas para lá por suas famílias. Pinel expunha que era essencial:

Uma liberdade sabiamente calculada caracteriza a manutenção da ordem de acordo com os rígidos princípios da filantropia, e que, vertendo algumas delicadezas sobre a infeliz existência dos alienados, faz frequentemente desaparecer por completo os sintomas da mania, e em todos os casos, diminui-lhe a violência (Pinel, p. 127).

Foucault (2006) menciona que essa famosa cena da libertação dos loucos furiosos por Pinel ficou conhecida como um dos grandes acontecimentos fundadores da psiquiatria moderna, com o ato de libertação dos loucos, dessa vez representado em Bicêtre, em outra pintura produzida por Charles Louis Lucien Muller, a seguir exposta, na qual Pinel ordena a retirada das correntes que prendiam os loucos furiosos.

Nessa cena, Pereira (2004) expõe que a pintura tenta marcar uma mudança de atitude ética e clínica da medicina em relação aos indivíduos cujo comportamento desvia dos padrões aceitos, que provavelmente jamais ocorreu enquanto fato histórico concreto, sendo o retrato parte de uma construção imaginária de um passado idealizado, inclusive a serviço de herdeiros e eventuais beneficiários do privilégio de serem próximos de um homem célebre.²⁵ Além disso, Gómez e Liebreznz (2021) mencionam que Robert-Fleury, ao produzir sua obra, certamente conhecia a obra de Charles Muller, pois eram contemporâneos, situados no mesmo círculo de exposição. As pinturas também representam uma espécie de testemunho da presença de alienistas (Swain, 1997²⁶).

²⁵ Nesse sentido, Pereira (2004) menciona o trabalho de Gladys Swain e o livro *Le sujet de la folie* (1997) em que o “mito pineliano” é melhor descrito, com ampla pesquisa histórica, para referir-se ao gesto libertador de Pinel.

²⁶ *apud* Gómez; Liebreznz, 2021.

Figura 3 - Philippe Pinel remove os ferros dos loucos em Bicêtre



Autor: Charles Louis Muller, 1849, (2,34 x 5,74 m), Óleo sobre Tela, Academia Nacional de Paris.

Na cena retratada por Muller, identifica-se o alienista estendendo a mão de forma benevolente e ordenando a Pussin que liberte um paciente idoso. Dessa maneira, Pinel é representado como aquele que oferece auxílio aos alienados em situação de sofrimento. A composição apresenta rostos masculinos com diferentes expressões: alguns demonstram cansaço, outros surpresa ou um olhar perdido. As roupas dos alienados aparecem rasgadas, com grande parte deles apresentando partes do corpo expostas, representando uma imagem de vulnerabilidade. Também são visíveis correntes quebradas, algumas estendidas no chão e outras seguradas por um dos alienados que, aparentemente, buscam significar uma conquista de “liberdade”.

Pinel aparece acompanhado de sua equipe, cujos integrantes vestem roupas adequadas à época. É nítida a diferença entre a imagem de desrazão pelos alienados e razão apresentada pelos alienistas. Suas representações contrastam na imagem. Os olhares da equipe médica são representados como serenos e tranquilos, com exceção de um deles, que aparenta expressar estranheza ou desconfiança. Além disso, de acordo com os autores, o braço estendido de Pinel faz referência ao gesto de despertar representado pelo braço de Adão, de Michelangelo, no teto da Capela Sistina (1508–1512, Vaticano, Roma) (Gómez; Liebreznz, 2021).

Foucault (2006), propõe uma leitura distinta desse acontecimento, registrado com similitudes entre as duas obras. Desloca a atenção do gesto humanitário para detalhes relacionados ao novo exercício do poder disciplinar. Em *O Poder Psiquiátrico* menciona que embora essa cena de “libertação dos loucos das correntes” tenha sido considerada a fundadora da psiquiatria moderna, houve outra cena ocorrida na Inglaterra, inclusive retratada no *Tratado* de Pinel, que não teve a mesma repercussão ou reconhecimento histórico, mas que dispõe de especial importância. Para ele, esse outro acontecimento, que permaneceu pouco conhecido, “põe em cena exatamente o que podia ser, desde essa época, a prática psiquiátrica enquanto manipulação regrada e concertada das relações de poder” (Foucault, 2006, p. 26). Nesse contexto, Foucault apresenta o evento descrito no *Tratado* de Pinel (1800), em que:

Um monarca cai em mania e para tornar sua cura mais rápida e sólida não se põem restrições às medidas de prudência de seu responsável; a partir daí, todo o aparato da realeza dissipa-se, o alienado é distanciado de sua família e de tudo que o entorna, sendo relegado a um palácio isolado, fechado sozinho em um quarto, o qual é forrado por colchões, para que lhe seja impossível ferir-se. Aquele que dirige seu tratamento lhe declara que ele não é mais soberano, e que deve portar-se a partir de então dócil e submisso [...] Um dia o alienado, em seu fogoso delírio, acolhe muito duramente seu antigo médico quando de sua visita, emplastrando-o de lixo e sujeira. Um dos pajens entra rapidamente no quarto sem nada dizer, pegando pela cintura o delirante, reduz ele próprio a um estado de sujeira asquerosa, jogando-o com força sobre uma pilha de colchões, despe-o, lava-o com uma esponja, troca suas roupas, e olhando-o com orgulho sai logo, retomando seu posto. Semelhantes lições repetidas a intervalos durante alguns meses e auxiliadas por outros meios do tratamento produziram cura sólida e sem recaídas (Pinel, p. 198).

De acordo com Foucault, é descrita nesse momento, a relação entre o médico e o rei Jorge III. Nela, retrata-se inicialmente uma cerimônia de destituição, na qual o rei é colocado em uma situação de total dependência. O médico é o operador dessa descoroação, pois declara a perda da soberania. O ritual é marcado pela redução do rei à impotência: “O colchão é ao mesmo tempo o que isola o rei do mundo exterior, o que impede tanto de ouvir e de ver como de comunicar suas ordens ao exterior” (Foucault, 2006, p. 27). Essa situação “não se trata, por conseguinte, da queda de um poder soberano sob outro poder soberano, mas da passagem de um poder soberano, que foi decapitado pela loucura que se apossou da cabeça do rei” (p. 28). Trata-se, portanto, do exercício do poder de disciplina, “cujo efeito não é em absoluto consagrar o poder de alguém, concentrar o poder num indivíduo visível e nomeado, mas produzir efeito apenas em seu alvo” (p. 28). Para Foucault, essa cena apresenta o enfrentamento e a submissão do poder soberano diante de um poder de disciplina, marcado pela atuação médica.

Foucault assinala que esse tratamento narrado por Pinel, responsável por produzir uma “sólida cura”, ocorre sem descrição, análise, diagnóstico ou conhecimento da doença. Trata-se para ele, portanto, de um jogo de elementos estritamente relacionados ao poder, que são colocados em movimento e deslocados. A cena assinala, de acordo com o autor que “se você é louco, não adianta ser rei, que não será mais rei”, ou que “você pode ser louco, mas não é por isso que será rei” (p. 34). O rei, ao ser considerado louco, perde sua condição soberana, sendo submetido ao poder disciplinar marcado pelo exercício médico.

Além disso, Foucault narra outras formas de loucura relacionadas ao poder soberano, especialmente aquelas em que indivíduos que não detinham tal poder passavam a “crer-se rei”. Nesse contexto, para os psiquiatras da época, o fato de determinados sujeitos considerados loucos afirmarem estar no exercício do poder real, ou acreditarem-se perseguidos, mesmo diante das provas apresentadas em contrário, representava uma tentativa de impor suas próprias crenças ao médico e, conseqüentemente, uma forma de se colocar na “posição de rei”. Dessa maneira, Foucault aponta que os psiquiatras poderiam ter reduzido a ideia de “ser louco” à noção de “tomar o poder na cabeça” (p. 35).²⁷

Portanto, as cenas de Pinel libertando os loucos apresentam-se, inicialmente, como opostas à história do rei desapossado. Contudo, para Foucault, os acontecimentos ocorrem em continuidade, pois, quando Pinel liberta os doentes das masmorras, “trata-se de estabelecer entre o libertador e os que acabam de ser libertados certa dívida de reconhecimento que vai e deve ser paga de suas maneiras”. A primeira forma de pagamento dessa dívida ocorre de maneira contínua e voluntária, por meio da obediência, submissão e sujeição do libertado. A segunda consiste no fato de que, uma vez submetido à obediência, o indivíduo passa a ser inserido no jogo da disciplina exercida pelo poder médico. Assim, a cura torna-se a moeda da libertação, pois o doente e a própria doença devem pagar ao médico o “reconhecimento que lhe deve”.

Dessa forma, para Foucault, essa libertação não representa uma cena de humanismo, mas uma cena de relação de poder e de transformação das formas de exercício desse poder: aquilo que antes se manifestava como violência do poder soberano transforma-se em uma relação de sujeição própria do poder disciplinar. Nesse sentido, de acordo com Foucault essa seria a verdadeira cena inaugural da prática psiquiátrica moderna: “é que ela me parece

²⁷ Essa reflexão aparece no Tratado *Da Loucura*, de Georget, no qual se evidencia que um dos grandes problemas da psiquiatria seria justamente “dissuadir” aqueles quem “se crê rei” (Foucault, 2006).

inaugurar uma prática psiquiátrica cujo mérito costuma ser atribuído a Pinel” (Foucault, 2006, p. 37). Essas cenas inserem-se em um conjunto de acontecimentos relacionados à constituição da psiquiatria moderna para o autor, que inclusive menciona que “para fazer uma verdadeira história da psiquiatria, sobretudo em caso da cena psiquiátrica, tem-se de situá-la nesta série de cenas: cenas de cerimônias de soberania, dos rituais de serviço, dos procedimentos judiciais, das práticas médicas” (p. 44).

Retomando ao conto *O alienista*, no capítulo “O final do §4º”, a população, ao tomar ciência da libertação dos alienados anteriormente reclusos, honra o alienista e o agradece. Fica exposto que as queixas contra o alienista foram encerradas e que não houve ressentimento, tanto da população quanto dos alienados, agora considerados com o juízo retomado (Assis, 2019). Inclusive, foi realizado um baile de comemoração. Evarista retoma o relacionamento e Crispim, a amizade. Posteriormente, é organizada uma autorização para que o alienista pudesse realizar as internações daqueles que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais, com autorização provisória de um ano para experimentação, podendo a câmara fechar a Casa Verde se fosse aconselhada por motivos de ordem pública (Assis, 2019).

Embora as cenas de retirada das correntes tenham sido consagradas como símbolos de ruptura com práticas violentas de confinamento, especialmente por meio das pinturas de Charles Louis Lucien Müller e Tony Robert-Fleury, Foucault demonstra que essa libertação não significou o desaparecimento das formas de controle sobre os considerados loucos. Ao contrário, ela marcou a transformação das estratégias de poder: da violência explícita do poder soberano para mecanismos disciplinares fundamentados no saber médico. Igualmente no conto, a “libertação dos considerados loucos” não encerra as práticas psiquiátricas de Bacamarte, que apenas as modifica para uma nova concepção.

As pinturas analisadas apresentam o alienista como uma figura benevolente, capaz de devolver dignidade aos alienados; entretanto, a leitura foucaultiana evidencia que essa suposta libertação também instituiu novas relações, nas quais a cura e o próprio poder se submetem ao poder médico, inclusive o poder do próprio rei é submetido ao poder do médico. Dessa forma, as cenas demonstram que a história da psiquiatria moderna não pode ser compreendida como uma trajetória linear de progresso e humanização. Outrossim, buscou-se demonstrar que os eventos que rodeiam Pinel em seus feitos são marcados por uma complexidade que muitas vezes deixa de ser retratada. Tanto Foucault quanto Machado de

Assis evidenciam que os discursos de cura e libertação podem coexistir com práticas de sujeição, uma vez que o poder não desaparece, mas se reorganiza conforme novos saberes e instituições.

Exposta esta seção, dedicada à problematização da representação artística da figura de Pinel e de seu suposto ato de libertação dos alienados à luz de Foucault, passa-se, agora, à análise do desfecho do conto.

3.3 TEMPESTADE MORAL: A LOUCURA ROMPE OS PORTÕES DO MANICÔMIO

No conto, após cinco meses e meio, todos os internados foram curados conforme o último conceito de loucura desenvolvido pelo alienista. Bacamarte sentiu-se inquieto, pois “alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria” (Assis, 2019, p. 115). Questionando-se sobre se havia realmente curado os indivíduos, concluiu que aqueles considerados curados eram, na verdade, tão desequilibrados quanto os anteriormente internados. Assim, percebeu que em Itaguaí não havia loucos nem curas, desencadeando “uma das mais medonhas tempestades morais que já desabaram sobre o homem” (Assis, 2019, p. 116). Ao reconhecer em si mesmo todas as características do perfeito equilíbrio mental e moral, consultou seus amigos, que confirmaram a ausência de defeitos. Diante disso, “recolheu-se à Casa Verde” (Assis, 2019, p. 117), dedicando-se ao estudo e à cura de si próprio, até falecer dezessete meses depois sem alcançar novos avanços.

O final do conto registra a falha definitiva do pretenso projeto terapêutico de Bacamarte, além de evidenciar a insuficiência da tentativa de conceituação da loucura, suscitando questões como: existem loucos? Todos os loucos devem ser tratados? Apenas o médico é o louco? Trata-se de questionamentos que permanecem sem resposta definitiva. O fim do conto retrata o desmanche dos mitos científicos que buscaram se impor como verdades absolutas. Foucault menciona que “entre os muros do internamento que Pinel e a psiquiatria do século XIX encontrarão os loucos; é lá — não nos esqueçamos — que eles os deixarão, não sem antes se vangloriar por terem-nos “libertado” (Foucault, 1997, p. 55).

Pinel, embora tenha ficado conhecido por suas ações heróicas de libertar e defender os alienados, também teve sua credibilidade questionada, vez que se mostrou, muitas vezes, conveniente aos interesses políticos de sua época. Além disso, suas ações não foram suficientes para impedir castigos corporais, situações degradantes e violências psicológicas, como ele mesmo menciona. De acordo com Foucault:

Depois do célebre desacorrentamento dos alienados de Bicêtre por Pinel —, durante todos os anos de 1820-1845, data do *no restraint*, toda uma série maravilhosa de instrumentos: a cadeira fixa isto é, presa à parede e na qual o doente era amarrado; a cadeira móvel que se agitava tanto quanto mais agitado estava o doente; as algemas; as mangas; a camisa-de-força, a roupa em forma de dedo de luva, que envolvia o indivíduo desde o pescoço e o apertava de tal modo que ficava com as mãos entre as coxas; os esquifes de vime nos quais eram encerrados os indivíduos; as coleiras de cachorro com pontas debaixo do queixo. Toda uma interessantíssima tecnologia do corpo, cuja história talvez devesse ser feita reescrevendo-a em toda a história geral desses aparelhos corporais (Foucault, 2006, p. 131).

Existem, portanto, nítidas falhas nos pretensos projetos psiquiátricos de Pinel e de Bacamarte. E Machado de Assis já havia observado esses aspectos, como percebe-se no conto. De mesmo modo, Foucault assinala que após o famoso gesto de libertação, apenas mudam-se as maneiras de submissão aos tratamentos, substituindo as correntes de ferro por outras tecnologias corporais. Nesse sentido, como afirma Roberto Machado, a história da loucura e da ciência é assinalada por descontinuidades que ocorrem por meio de rupturas sucessivas, negação e liquidação do passado, em um formato dialético e não evolutivo (Machado, 2007). Elas não datam um progresso científico, mas sim, o início de algo novo na história ocidental: uma tentativa de compreender e medicalizar a loucura.

O que se tem chamado de medicalização da sociedade — processo que na atualidade cada vez mais se intensifica — é o reconhecimento de que a partir do século XIX a medicina em tudo intervém e começa a não mais ter fronteiras; é a compreensão de que o perigo urbano não pode ser destruído unicamente pela promulgação de leis ou por uma ação lacunar, fragmentária, de repressão aos abusos, mas exige a criação de uma nova tecnologia de poder capaz de controlar os indivíduos e as populações tornando-os produtivos ao mesmo tempo que inofensivos; é a descoberta de que, com o objetivo de realizar uma sociedade sadia, a medicina social esteve, desde a sua constituição, ligada ao projeto de transformação do desviante — sejam quais forem as especificidades que ele apresente — em um ser normalizado; é a certeza de que a medicina não pode desempenhar esta função política sem instituir a figura normalizada do médico (Machado, 2007, p. 156).

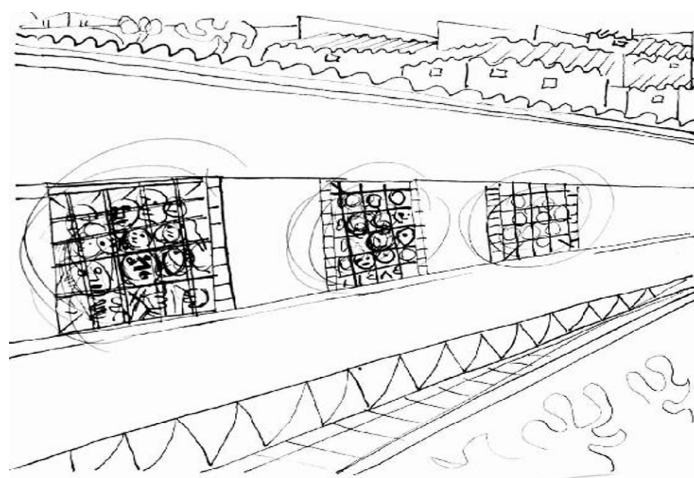
Os atos de Philippe Pinel, marcados por sua influência política e social na sociedade francesa, repercutiram sobre outros alienistas e diferentes sociedades, inclusive a brasileira, inaugurando novas formas de compreender e administrar a loucura. Entretanto, não se trata de uma evolução científica linear ou humanitária, mas de uma ruptura histórica que dará origem a outras rupturas, em um contínuo processo de descontinuidades, conforme afirma Machado. Essas transformações nas formas de tratar a loucura não representam necessariamente avanços humanitários, mas mudanças nos modos de administrar, classificar e controlar os sujeitos considerados desviantes.

Nesse ponto, Jurandir Freire Costa (2007) adverte que as teses sobre a (a)normalidade da vida mental não se dissociam das visões de mundo às quais se articulam. Ou seja, o contexto em que os discursos e as fontes são produzidos importa para compreender a sociedade da época. Em *O Alienista* fica evidente que o saber sobre a loucura é descontínuo, variável e atravessado por disputas de interpretação (Lima, 2019, p. 132), ainda que o discurso científico apresentado por Simão Bacamarte se pretenda inovador e capaz de confrontar as perspectivas médicas e políticas existentes. O conto permite visualizar um

Jogo entre dentro e fora, que traz o questionamento: a loucura estaria dentro do asilo ou fora dele? Ou ainda: a loucura seria algo a ser visto de fora, um objeto externo, ou habitaria também o corpo do alienista, dos moradores de Itaguaí, dos municípios vizinhos? Qual seria seu alcance? Todos carregariam uma forma adormecida, escondida, velada de loucura? Qualquer trepidação poderia despertá-la? Qualquer olhar de outro ângulo? Ou haveria mesmo uma prática científica capaz de desvelá-la? [...] (Lima, 2019, p. 132).

Candido Portinari (1903-1962)²⁸, em edição exclusiva do conto *O Alienista*, ilustrada pelo artista entre 1945 e julho de 1948 e publicada pela Imprensa Nacional em 1948, representou, por meio de suas ilustrações, as tensões entre os limites da razão e da loucura presentes na narrativa machadiana. As imagens produzidas por Portinari evidenciam a permanência e a relevância da obra de Machado de Assis no campo cultural brasileiro, uma vez que um dos mais importantes pintores nacionais dedicou-se exclusivamente à criação de ilustrações para o conto, estabelecendo um diálogo visual com o conto machadiano.

Figura 4 - Representação de Portinari sobre os considerados alienados confinados na Casa Verde



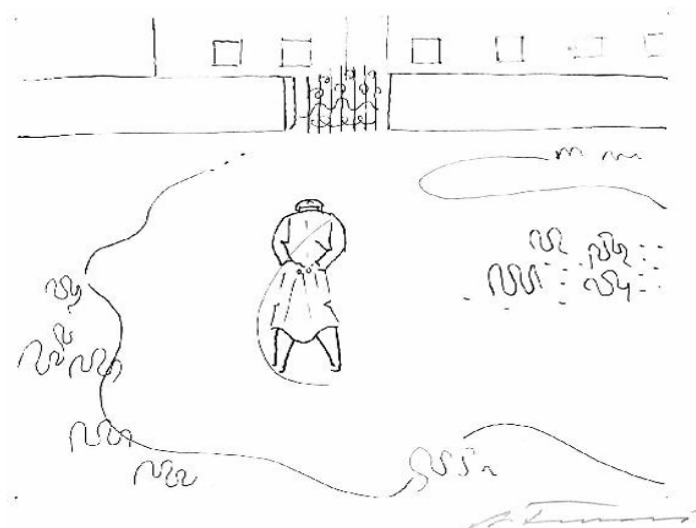
Fonte: *O Alienista* - Ilustrações por Candido Portinari de 1948.

²⁸Portinari nasceu no interior de São Paulo, em 1903, filho de imigrantes italianos (Gonçalves, 2009).

Na Figura 4 são expostos os considerados loucos e a suposta loucura enclausurada. Na representação encontram-se casas que estão localizadas fora da Casa Verde, e a instituição manicomial lotada de indivíduos enclausurados atrás das grades das janelas. Alguns possuem desenhos de seus rostos, outros apenas um vazio em branco, o que pode-se ser interpretado com a perda da subjetividade dos internados.

De acordo com Gonçalves (2009), os elementos da visualidade das ilustrações de Portinari se traduzem em imagens que são parte da narrativa, no entanto, há também elementos da imagens que agregam novos conteúdos e significados. No final do conto, quando Bacamarte decide que estava equivocado sobre seu conceito de loucura, decide enclausurar-se, trancafiando sua própria loucura e libertando todos os demais que antes eram considerados loucos. Nessa representação encontra-se de um lado do portão o alienista, de cabeça baixa, em um espaço amplo, contraposto por diversos indivíduos atrás das grades. A imagem apresenta o mundo dentro da instituição manicomial e fora dele.

Figura 5 - Representação de Portinari sobre Bacamarte confinado com sua suposta loucura enquanto os antes considerados alienados estão livres



Fonte: *O Alienista* - Ilustrações por Candido Portinari de 1948.

As ilustrações de Candido Portinari reforçam essa ambiguidade do jogo de “dentro e fora” ao representar visualmente a inversão entre os considerados loucos e o próprio alienista. Quando Bacamarte decide enclausurar-se e libertar os demais internos, rompe-se definitivamente a separação rígida entre médico e paciente, normalidade e loucura. O conto *O Alienista* instiga profundas reflexões acerca do tratamento da loucura e dos limites entre razão

e desrazão, questionamentos esses que são feitos ao longo da narrativa, e que estendem-se ao final do conto. A obra tensiona constantemente os critérios científicos utilizados para definir a normalidade, demonstrando a fragilidade das classificações estabelecidas pelo saber psiquiátrico. Nesse sentido, o conto evidencia que a loucura não se apresenta como categoria fixa ou objetiva, mas como construção variável, atravessada por relações de poder e controle social.

Ao final da narrativa, o médico Simão Bacamarte num ato extremado, decide internar a si próprio, encerrando os tratamentos dos considerados loucos. Esse desfecho representa a crise da autoridade científica que sustentava o manicômio e revela que a loucura talvez não estivesse restrita aos indivíduos institucionalizados, mas disseminada pela própria sociedade, inclusive naquele que pretendia classificá-la e controlá-la. Portanto, enquanto crítica ao cientificismo, essa obra atinge diretamente fontes históricas como o *Tratado* de Pinel e as reflexões do período, permitindo um debate profundo sobre os tratamentos conferidos.

Na próxima seção, a discussão será direcionada às reflexões contemporâneas acerca dos mecanismos de vigilância e controle psíquico que emergem na sociedade atual, buscando compreender seus vínculos com as rupturas e os processos históricos analisados nas seções precedentes.

3.4 REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AS NOVAS FORMAS DE EXERCÍCIO DO CONTROLE PSÍQUICO

As reflexões desenvolvidas por Gilles Deleuze (1990) permitem compreender as transformações existentes nas formas de controle da sociedade. De acordo com o autor, as sociedades disciplinares atingiram seu apogeu no início do século XX e procederam à organização dos grandes meios de confinamento. No entanto, houve uma crise generalizada desses meios de confinamento: prisão, hospital, fábrica, escola e família por não conseguirem exercer o controle de maneira satisfatória. Nesse cenário, as sociedades de controle passam a substituir as sociedades disciplinares.

Deleuze cita ainda Paul Virilio²⁹, que identifica, desde então, novas formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, as quais substituíram as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. O controle deixa de ocorrer prioritariamente pelo

²⁹ Filósofo e urbanista francês (1932 - 2018). Preocupado com a discussão sobre *dromologia*, a lógica da velocidade, numa época de mudanças advindas de acelerações ainda maiores causadas pelo impacto da cultura digital. Autor de *Velocidade e Política* publicado pela primeira vez em 1977.

confinamento físico e passa a funcionar de maneira contínua, aberta e difusa. Assim, já não é mais necessário recorrer exclusivamente ao confinamento institucional, como nos espaços manicomiais associados às práticas psiquiátricas, para produzir formas de administração dos indivíduos.

Essa mudança no processo é visível nas fontes aqui utilizadas, posto que as teorias médicas e as tentativas de reclusão dos considerados loucos em instituições manicomiais falharam constantemente. Ao final do conto, diante das falhas de seus projetos e concepções sobre a loucura, envolvendo o tratamento na Casa Verde, Bacamarte decide libertar todos os internados e enclausurar a si mesmo. De outra forma, observa-se o declínio das instituições manicomiais e o início de outros tratamentos realizados de maneira ampla.

Na contemporaneidade, diferentemente dos cenários das fontes históricas apresentadas, a psiquiatrização expande-se para toda a vida social por meio da medicalização cotidiana, do diagnóstico permanente e da gestão farmacológica da subjetividade. Nesse sentido, Paul B. Preciado (2008) desenvolve o conceito de *Farmacopornografia*, em que o controle, antes exercido por instituições de reclusão, como retratado nas fontes, hoje é exercido por tecnologias químicas, farmacêuticas, midiáticas e pornográficas. Trata-se de dimensões de poder que, por meio de substâncias químicas, como hormônios, antidepressivos, ansiolíticos, contraceptivos e anabolizantes, regulam e modificam os corpos, utilizando as mídias digitais, para controle dos corpos. “O termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (Preciado, 2008, p. 36).

Nesse sentido, Preciado problematiza como determinadas substâncias e tecnologias podem ultrapassar a dimensão terapêutica e participar de processos de regulação dos corpos, desejos e subjetividades. Nesse processo, medicalizam-se os sentimentos e as emoções e controlam-se, pelas substâncias, os movimentos e corpos. Nessa relação atual, Foucault já apresentava que desde o ato de “libertação” de Pinel, em que são removidas as correntes de ferro, outras tecnologias de controle corporal foram incorporadas, citando a camisa de força, entre outros.

De acordo com Preciado (2008, p. 37), atualmente, “o sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula”. O filósofo menciona ainda que “a sociedade contemporânea é habitada por

subjetividades toxicopornográficas que se definem pela substância (ou substâncias) que abastece seu metabolismo, pelas próteses cibernéticas e vários tipos de desejos farmacopornográficos que orientam as ações dos sujeitos” (2008, p. 38). Dessa forma, os manicômios não desaparecem completamente; eles são reorganizados socialmente.

O controle psiquiátrico deixa de estar concentrado em instituições fechadas e torna-se disperso pela sociedade, transformando a medicalização em mecanismo cotidiano de normalização. Assim, em diálogo com as perspectivas de Deleuze e Preciado, pode-se compreender que determinadas práticas de normalização e controle psíquico, antes concentradas em instituições fechadas, passam a assumir formas mais dispersas na sociedade contemporânea. As subjetividades encontram-se alinhadas às expectativas midiáticas e reforçadas por medicamentos. Preciado (2008) chamará esses sujeitos de: “sujeitos-cannabis, sujeitos-cocaína, sujeitos-álcool, sujeitos ritalina...”. Para ele, quando o indivíduo é reduzido a este controle medicamentoso, psíquico e midiático, há o exercício de uma forma de controle do corpo e mente.

A institucionalização da loucura iniciada entre os séculos XVIII e XIX estabeleceu a ideia de que comportamentos, emoções e subjetividades poderiam ser observados, classificados e corrigidos por saberes médicos especializados. Esse processo contribuiu para consolidar a autoridade científica da psiquiatria e para legitimar práticas de intervenção sobre os corpos e comportamentos considerados desviantes. Assim, mesmo com as transformações ocorridas ao longo do tempo, permaneceu a noção de que o ser humano e sua psique devem ser constantemente interpretados, diagnosticados e administrados de acordo com os padrões de normalidade impostos conforme a sociedade vigente.

Jurandir Freire Costa (2007, p. 24), ao traçar um panorama sobre a história da psiquiatria brasileira, expõe que, em determinados momentos, a cultura acena aos psiquiatras com uma promessa de poder: se o psiquiatra permitir ser hipnotizado por ela, o fascínio narcísico nasce e o saber do psiquiatra desaparece, dando lugar ao puro e simples exercício do poder. É nesse momento que o psiquiatra para de ouvir, falando antes de escutar, buscando antes de ser procurado, antecipando a loucura antes de acompanhá-la. Trata-se do poder do psiquiatra. Além disso, expõe que os psiquiatras, ao longo da história brasileira, “humanamente erraram”. Por isso, há uma necessidade atual de aprender com erros marcados pela história e refletir sobre a atualidade, compreendendo os perigos de adesão incondicional a teorias ou modos de pensar.

Essas considerações desenvolvidas sobre as novas formas de controle da subjetividade possuem caráter complementar neste trabalho, tendo como objetivo estabelecer um diálogo entre diferentes temporalidades e demonstrar como os mecanismos de administração dos indivíduos assumem configurações distintas conforme os contextos históricos. Ressalta-se que as obras dos autores citados nessa seção constituem campos teóricos amplos e complexos, cujas análises aprofundadas poderiam ocorrer em estudos específicos. Portanto, não se pretende, neste momento, realizar uma análise aprofundada dessas perspectivas, mas evidenciar como suas contribuições permitem ampliar a reflexão sobre as relações entre saber, poder e subjetividade. Dessa forma, os autores aqui mobilizados oferecem importantes ferramentas interpretativas para compreender que as formas de controle não permanecem estáticas, mas são continuamente reorganizadas conforme as transformações sociais, políticas e científicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa identificaram-se diferentes conexões entre as fontes históricas, literárias e teóricas abordadas, relacionadas à temática da loucura. Nem sempre essas relações se apresentaram de forma explícita, exigindo um exercício de aproximação entre contextos, discursos e narrativas. Nesse percurso, observou-se que a circulação e recepção de ideias francesas no Brasil manifestou-se na legislação, na organização dos espaços asilares e nas práticas médicas. Essa influência também se expressou no campo literário, especialmente na obra machadiana, que revela uma leitura crítica sobre a incorporação dos discursos científicos e psiquiátricos no contexto brasileiro. Ressalta-se que a transposição desses processos entre a França e o Brasil não ocorre por um único evento marcante, mas por uma construção gradual, visível em diferentes práticas, acontecimentos e formas de organização social.

Nesse sentido, estabeleceram-se aproximações entre o *Tratado* de Philippe Pinel e o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, evidenciando semelhanças entre o personagem fictício e o alienista francês, especialmente no que se refere às formas de compreender e tratar a loucura, bem como às tentativas de classificação dos sujeitos considerados alienados. Em ambos os contextos, observa-se ainda a articulação entre saber médico e poder. O diálogo com as perspectivas de Laure Murat e Michel Foucault também contribuiu para evidenciar os projetos de correção comportamental presentes nos cenários francês e brasileiro, assim como

o papel das redes auxiliares responsáveis pela operacionalização do tratamento moral, o que revela que o exercício da autoridade alienista dependia de mecanismos de vigilância e suporte institucional.

As reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho permitem ainda compreender a atuação do Estado e das famílias na legitimação do alienismo, favorecendo a implementação e a ampliação de mecanismos de controle sobre os indivíduos. Destacam-se as experiências das mulheres, frequentemente silenciadas nas fontes históricas, cujas trajetórias foram muitas vezes apagadas ou marginalizadas, evidenciando desigualdades na própria construção da memória da loucura. A pesquisa evidenciou também a existência de diferentes construções narrativas na história da loucura. Enquanto Pinel buscava consolidar a legitimidade da medicina mental e de seu modelo terapêutico, Machado de Assis, pela literatura, mobilizava a ironia para problematizar os limites da ciência, da razão e das instituições. Por outro lado, percebe-se a utilização das pinturas e quadros artísticos como tentativas de moldar e construir narrativas sobre um imaginário coletivo sobre determinado acontecimento ou sujeito, como as representações de Pinel libertando os alienados das correntes.

Pinel foi celebrado como fundador da psiquiatria moderna e considerado responsável por importantes transformações nas práticas asilares. Seu *Tratado* permitiu visualizar as tentativas terapêuticas empregadas, os métodos de tratamento e as concepções do pensamento alienista acerca da loucura em seu contexto histórico. Todavia, cabe à historiografia situar criticamente a trajetória e a produção intelectual de Pinel, considerando as circunstâncias sociais e políticas existentes. Seus escritos e sua atuação fizeram parte de um período marcado pelas influências do Iluminismo, pelos acontecimentos da Revolução Francesa e pelo período napoleônico, transformações que dialogaram com os saberes médicos existentes e contribuíram para a construção das teorias sobre a alienação mental. Além disso, essas transformações ultrapassaram as fronteiras francesas e repercutiram suas ideias em diversas sociedades, inclusive a brasileira, como se percebe nos diálogos com o conto *O Alienista*.

Nesse sentido, a loucura e o sujeito considerado louco apresentaram-se como conceitos mutáveis, socialmente construídos de acordo com os valores e normas de cada sociedade. O reconhecido como louco depende de processos de classificação, exclusão e intervenção social, influenciados pelas perspectivas políticas existentes. É nesse contexto que se insere a atuação do alienista, responsável por categorizar e tratar esses sujeitos. Dessa

forma, sua atuação contribui diretamente para a produção dessas categorias e para consolidação de práticas de tratamento voltadas à correção comportamental e psíquica.

A fim de aprimorar a compreensão desses momentos históricos, este trabalho buscou abordar diferentes aspectos relacionados à temática, como a organização dos manicômios, os tratamentos empregados, as dimensões políticas e econômicas do alienismo, as experiências das mulheres consideradas loucas, os delírios associados à política, a relação entre loucura e a guilhotina e as tentativas de construção de narrativas sobre a loucura. Para isso, foram analisadas as obras de Tony Robert-Fleury e Charles Louis Muller e, ainda que brevemente, as ilustrações de Candido Portinari e o conto *O Homem*, de Aluísio Azevedo. Procurou-se, assim, oferecer uma abordagem multifacetada de uma temática ampla, complexa e atravessada por múltiplas interpretações e perspectivas históricas.

Reconhecem-se, contudo, as limitações inerentes à presente pesquisa. A análise simultânea do *Tratado de Pinel* e de *O Alienista* exigiu constantes escolhas metodológicas, muitas vezes implicando a redução ou a supressão de determinadas discussões para manter o equilíbrio entre as duas fontes. Mesmo diante da complexidade de estabelecer conexões entre fontes extensas, complexas e produzidas em contextos históricos distintos — as quais, individualmente, já suscitam amplos debates historiográficos e literários — verificou-se ser possível colocá-las em diálogo, produzindo reflexões relevantes sobre diferentes aspectos da história da loucura e evidenciando a riqueza interpretativa proporcionada por esse encontro.

Os registros históricos analisados neste trabalho não contribuem apenas para a compreensão do passado, mas também para reflexões contemporâneas. Afinal, a forma como a loucura foi historicamente definida, classificada e administrada influenciou a construção de normas, instituições e práticas que repercutem diretamente em questões relacionadas à privação de liberdade, à autonomia individual, à capacidade civil e à proteção dos direitos fundamentais na atualidade. Nesse sentido, a análise desses processos históricos mostra-se relevante para os debates contemporâneos, permitindo uma reflexão crítica sobre os limites da atuação estatal, bem como sobre as garantias necessárias à preservação da segurança jurídica e da dignidade humana.

Tais reflexões dialogam diretamente com discussões acerca das internações compulsórias e involuntárias, dos limites éticos dos tratamentos psiquiátricos, da medicalização da vida e das formas de intervenção sobre os indivíduos. Ao mesmo tempo em que se reconhece o dever atual do Estado de promover políticas públicas e assegurar o acesso

à saúde mental, os acontecimentos históricos analisados demonstram a necessidade de cautela no exercício dessas atribuições. A compreensão dos usos indevidos do internamento, da medicalização e dos mecanismos de controle social ao longo da história devem contribuir para que a atuação estatal seja mediada em consonância com os direitos fundamentais, evitando políticas de cunho higienista e/ou repressivo, como as empregadas ao longo da história, e ainda muito evidentes na sociedade atual.

Ressalta-se que longe de encerrar o debate, este trabalho procurou abordar apenas alguns dos possíveis eixos para sua compreensão, sem a pretensão de esgotar um assunto tão vasto nos limites de um Trabalho de Conclusão de Curso. Não se ignora que outras obras literárias, históricas e teóricas poderiam ampliar as perspectivas de análise. Da mesma forma, embora as contribuições de Michel Foucault, Deleuze e Preciado tenham sido mobilizadas ao longo deste estudo, suas reflexões oferecem possibilidades de investigação que não puderam ser aprofundadas neste momento.

As múltiplas interpretações suscitadas pelas fontes analisadas demonstram a riqueza do tema e apontam caminhos para futuras pesquisas, em especial com foco na construção da loucura das mulheres e das relações políticas envoltas nas internações. Este estudo buscou contribuir para a compreensão das relações entre literatura, história e loucura, evidenciando como a obra de Machado de Assis dialoga com questões centrais da constituição da psiquiatria moderna. Além disso, as aproximações apresentadas ao longo da pesquisa representam apenas parte das múltiplas relações identificadas entre os escritos de Pinel e a obra machadiana.

Não obstante, as reflexões proporcionadas por Machado de Assis nos permitem compreender as fragilidades existentes nos critérios de normalidade, impostos pela medicina e seus impactos nas esferas coletivas e sociais. Seus escritos, ainda muito atuais, nos permitem refletir sobre as novas concepções de “loucuras” construídas e novas “formas de controle” dos comportamentos e pensamentos. As lógicas de enclausuramento e controle psíquico permanecem presentes na contemporaneidade, marcadas pela ampliação constante de diagnósticos, pela patologização de comportamentos e pela crescente medicalização da vida social. Portanto, cabe ao historiador confrontar os acontecimentos do passado em debate, sobretudo para ter maior consciência do presente. Logo, acredita-se que as fontes aqui utilizadas foram essenciais para a compreensão dos processos vivenciados ao longo do tempo e para construção da atualidade.

5 REFERÊNCIAS

5.1 DOCUMENTAIS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista e outros contos**. 1839-1908. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista e outros contos**: orientação pedagógica e notas de leitura Douglas Tufano. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista**. Ilustrações Eduardo Schloesser. Recife: Prazer de ler, 2014.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista**. Ilustrado por Candido Portinari. Coord. Bárbara Prince. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista** [livro eletrônico]. Org. Tatiany Leite. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

AZEVEDO, Aluísio de. **O homem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Typ de Adolpho de Castro e Comp. 1887.

MULLER, Charles Louis. **Philippe Pinel remove os ferros dos loucos em Bicêtre**. 1849, 7'8" x 18'10" (2,34 x 5,74 m), Óleo sobre Tela, Academia Nacional de Paris. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Charles-Louis-Lucien-Muller/355684/Philippe-Pinel-1745-1826-liberando-lun%C3%A1ticos-de-suas-cadeias-no-asilo-Bicetre-em-Paris-em-1793,-c.1840-50-%C3%B3leo-sobre-tela-detalle-de-163956.html>. Acesso em 24 jun. 2026.

PINEL, Philippe. **Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania**. Tradução de Joice Armani Galli, Revisão técnica de Margareth Uarth Christoff; Ana Maria G.R. Oda: UFRGS Editora: Porto Alegre. 2007. Disponível em: <https://archive.org/details/tratadomedicofil0000pine/page/146/mode/2up?view=theater>. Acesso em 26 jun. 2026.

ROBERT-FLEURY. Tony. **Pinel Libertando os Loucos de Suas Correntes**. Disponível em: [https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Tony-Robert-Fleury/965931/Doutor-Philippe-PINEL-\(1745---1826\)-libertando-os-loucos-das-suas-correntes-por-Tony-No-rbert-Fleury.html](https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Tony-Robert-Fleury/965931/Doutor-Philippe-PINEL-(1745---1826)-libertando-os-loucos-das-suas-correntes-por-Tony-No-rbert-Fleury.html). Acesso em 26 jun. 2026.

5.2 BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo. Rumo ao fim dos manicômios. **Mente e Cérebro**: 2006. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-generos-diversos/542889>. Acesso em 04 jun. 2026.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.

AMARANTE, Paulo. *Psiquiatria social e reforma psiquiátrica*. **SciELO**. Editora Fiocruz. 1994. Disponível em:
https://play.google.com/books/reader?id=qNxZDwAAQBAJ&pg=GBS.PA138.w.1.2.27_141&hl=pt. Acesso em 26 jun. 2026.

AQUINO, Julio Groppa. VIEIRA, Elisa. VAL, Gisela Maria do. **Pesquisar arquivos, habitar o arquivo: o caso da obra A desordem das famílias**. Campinas, SP: 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/PZfm4KQqGbHJLhKzyHn4DJb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 jul. 2026.

ARAÚJO, Jullyana Monteiro Guimarães de. Carimbo, sim: O carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais. **Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA**, Ponto de acesso, Salvador, v. 16, n. 3, 2022.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração, 2013. 230 p. Disponível em:
https://app.uff.br/slab/uploads/Holocausto_brasileiro_vida,_genoc%C3%ADdio_e_60_mil_mortes_no_maior_hosp%C3%ADcio_do_Brasil.pdf. Acesso em 26 jun. 2026.

ARBEX, Daniela. Prefácio. *In*: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista** [livro eletrônico]. Org. Tatiany Leite. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024. Disponível em:
<https://ler.amazon.com.br/sample/B0D2YN81PM?clientId=share>. Acesso em 08 dez. 2025.

ARY JAN, Art Gallery. Charles Louis Muller (1815-1892). Disponível em:
<https://www.galeriearyjan.com/en/muller-charles-louis.htm>. Acesso em 14 jun. 2026.

BBC NEWS Brasil. **Quem eram os alienistas, grupo do qual Sigmund Freud fez Parte**. BBC. 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59896912>. Acesso em 08 dez. 2025.

BEBIANO, Rui. O exemplo histórico de Saint-Just. A terceira noite. **Leituras, polêmicas, iluminações**. 2022. Disponível em:
<https://www.aterceiranoite.org/2022/08/08/saint-just-e-o-seu-exemplo-historico/>. Acesso em 23 jun. 2026.

BERLIN, Ira. The Salpêtrière Hospital: from confining the poor to freeing the insane. **American Journal of Psychiatry**, v. 160, n. 9, p. 1579, 2003. Disponível em:
<https://psychiatryonline.org/doi/10.1176/appi.ajp.160.9.1579>. Acesso em: 30 maio 2026.

BOCCA, Francisco Verardi. *Psiquiatria francesa e normalização da alienação*. **Rev. Iliminus**, São Luís, v.1, n. 1, p. 1-24, jan/jun. 2024.

BRITTO, Renata Corrêa. **A internação psiquiátrica involuntária e a Lei 10.216/01**. Reflexões acerca da garantia de proteção aos direitos da pessoa com transtorno mental. Ministério da Saúde: Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2024.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Companhia das Letras. 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Ouro sobre o azul: Rio de Janeiro. 2006

CANOVA, Loiva. A questão da loucura na historiografia ocidental e nos jornais da cidade de cuiabá na primeira república. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 5, n. 1, jul-dez., 2011. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4807395.pdf>. Acesso em 30 jul. 2026.

CARVALHO, Daniel Gomes de. **Revolução Francesa**. São Paulo: Contexto, 2022.

CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CENTRO CULTURAL DA SAÚDE (CCS). **Textos: mostra inaugural “memória da loucura”**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/textos/Textos%20da%20Mostra.pdf> Acesso em 30 jul. 2026.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. Companhia das letras. 1ª ed. 2003.

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. SOUSA, Célia Regina Nilander de. O Abandono de Mulheres no Cárcere e a Distância da Emancipação Feminina. v. 48, n. 150, **Revista da AJURIS**: Porto Alegre, 2021.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Biblioteca de Filosofia e História das Ciências. Vol. nº 5. Cord. J. A. Guilhon de Albuquerque e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 1979

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Campinas: 2022. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/espelho-mundo-compactado.pdf> Acesso em 09 set. 2025.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. 1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.

DE PAULA, Guilherme Tadeu. O sentido positivo do terror para os jacobinos. **Teoria e Sociedade**, 2015. Disponível em: <https://bib44.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/download/221/165> Acesso em 09 de. 2025.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução por M. T. da Costa Albuquerque. Vol. nº 9. Rio de Janeiro: Graal. 1980.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001. Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/7htrv/pdf/engel-9788575412534.pdf>. Acesso em 26 jun. 2026.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e Feminilidade**. In: DEL PRIORE, Mary (Org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

FACCHINETTI, Cristiana. Da produção artística dos alienados: histórias de teorias e práticas do alienismo brasileiro, 1852-1902. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.29, supl., dez. 2022.

FACCHINETTI, Cristiana. Philippe Pinel e os primórdios da Medicina Mental. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 502-505, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 2004

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na idade clássica**. 5 ed. Editora Perspectiva: São Paulo. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11 ed. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2021

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Editora Forense-Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito**: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Org. Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Coleção Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1999.

FRANÇA, Jaciara Boldrini. A atribuição da loucura à mulher enquanto instrumento de controle social e dominação. vol 9, número 1, Occursus, **Revista de Filosofia**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.13105>. Acesso em 15 jun. 2026.

FREITAS, Cledione Jacinto de. CARDOSO, Tânia Marques. Um continente de desrazão no oceano da razão: o alienista de Machado de Assis como expressão de uma história da Relação entre psiquiatria e direito. **Direito e Literatura**. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353170433_UM_CONTINENTE_DE_DESRAZA_O_NO_OCEANO_DA_RAZAO_O_ALIENISTA_DE_MACHADO_DE_ASSIS_COMO_EXPRESSAO_DE_UMA_HISTORIA_DA_RELACAO_ENTRE_PSIQUIATRIA_E_DIREITO/link/60eb9e6c0fbf460db8fda0a5/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em 09 set. 2025.

GLEDSOON, John. Dossiê: duas crises machadinhas. Rio de Janeiro: **Machado Assis Linha**. v. 4, n.8. 2011.

GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo social**; rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307793221_O_Alienista_loucura_poder_e_ciencia. Acesso em 26 jun. 2026.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. A imprensa médica na Corte imperial: a loucura e as doenças nervosas nas páginas dos periódicos especializados (1850-1880). **Varia História**, v. 29, p. 143-168, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/hc8jHyDTD5rqKdvLbsQwdHP/?format=html&lang=pt>. Acesso em 26 jun. 2026.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. Estado, medicina mental e sociedade no Segundo Reinado: reclusão e assistência a alienados na capital do Império do Brasil. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História-conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911671_ARQUIVO_artigo_anpuh_monique_de_siqueira_goncalves.pdf. Acesso em 18 nov. 2025.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio C. **A Representação da Loucura em O Alienista**: Machado de Assis e Portinari. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n. 3, jul. 2009. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_alienista.htm. Acesso em 24 jun. 2026.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**: Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KARAIM, Tara L. **Representations of insanity in art and science of nineteenth-century france: from the demonic to the degenerate**. Kansas City, Missouri, 2013.

LANCMAN, Selma. A norma psiquiátrica e as leis. **Rev. Ter. Ocup**, USP, 1991. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/224475/204020> Acesso em 08 dez. 2025.

LIMA, Daniela. A valsa dos loucos. Um Foucault leitor de Machado de Assis? *In*: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. Ilustrada por Candido Portinari. Antofágica: 2019.

MACHADO, Marília Novais da Mata; PASSOS, Izabel Christina Friche; SILVA, Marcos Vieira. O Alienista na Luta Antimanicomial. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 2, n. 4-5, p. 1-23, 2011. DOI: 10.5007/cbsm.v2i4-5.68455. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68455>. Acesso em: 9 set. 2025.

MACHADO, Roberto; et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: **Grail**, 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1860426/mod_resource/content/4/Machado%20-%20Dana%C3%A7%C3%A3o%20da%20Norma.pdf Acesso em: 26 jun. 2026.

MACHADO, Roberto. **FOUCAULT**, a ciência e o saber. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MENDES, Leonardo; CAMELLO, Cleycinara Garcia. O homem (1887), de Aluísio Azevedo, como *best-seller* erótico. **ALEA**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, VOL. 21/3, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1517-106X/20192136580>. Acesso em 15 jun. 2026

MOTA, Leonardo de Araújo. Pecado, crime ou doença? representações sociais da dependência química. Fortaleza, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1491/1/2008_TESE_LAMOTA.pdf. Acesso em 17 jul. 2025.

MURAT, Laure. **O homem que se achava Napoleão**: por uma história política da loucura. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

NASCIMENTO, Lucas do. SEHN, Arthur de Andrade. O desenvolvimento Histórico-Jurídico no tratamento das pessoas com transtornos mentais. **Res Severa Verum Gaudium** - Revista Científica dos Estudantes de Direito da UFRGS. Porto Alegre, v.1, n1 - jul. 2009.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **Sobre a Revisão da Tradução**. In: PINEL, Ph. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. Tradução de Joice A. Galli. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 7, p. 128-141, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/kKkby7Ln9Tr5FQqwrS4cm7S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2026;

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. História das primeiras instituições para alienados no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 983-1010, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RHJYmhbjt3DHjHkPt9xy8TK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2026;

ODA, Maria Galdini Raimundo. **Escavador**. Informações coletadas do Lattes em 25 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7153512/ana-maria-galdini-raimundo-oda> Acesso em 08 dez. 2025

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 721-727, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pvFPdtnxh7Bcj3CzMSdpYkg/?format=pdf>

OLIVEIRA, Pedro Henrique Ferreira Danese. O Tratamento dos Alienados Na América Latina: A Recepção Dos Preceitos Alienistas No Além-Mar. **Revista de História Bilros**:

História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), [S. l.], v. 6, n. 12, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7864>. Acesso em: 9 set. 2025.

PEREIRA, Luis Fernando Gonçalves; RICARDO, Igor Machado; AQUINO, Rafael Lemes de; XAVIER, Douglas Ataniel Alves. Internação compulsória de dependentes químicos: violação do direito de liberdade ou proteção do direito à vida? **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 16, p. 11–24, 2020. DOI: 10.14393/Hygeia16047423. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/47423>. Acesso em: 31 out. 2025.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Pinel - a mania, o tratamento moral e os inícios da psiquiatria contemporânea. **Rev. Latirwam. Psicop.** Fund. VII, 3, 113-116, set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/rXNVvsX6rzFsX3wpVYdB4Lj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 set. 2025.

PERROT, Andrea Czarnobay. Literatura & loucura: a casa verde e outras questões n'O Alienista, de Machado de Assis. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 53–60, 2000. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/10334>. Acesso em: 24 jun. 2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação**, ASPHE/Fae/UFPel, Pelotas, 2003.

PINHO, Lúcia Regina Oliveira e. Da Lógica Manicomial à Reforma Psiquiátrica: Uma História Em Movimento. **Sala de recursos Revista**. 2023. Disponível em: <https://saladerecursos.com.br/da-logica-manicomial-a-reforma-psiquiatica-uma-historia-em-movimento/>. Acesso em 30 jul. 2025.

PORTOCARRERO., V. Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 152 p. **Loucura & Civilização collection**, v.4. ISBN 85-7541-019-9. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p26q6/pdf/portocarrero-9788575413883.pdf>. Acesso em 30 jul. 2025

PRECIADO Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. n-1 edições: 2018

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos Reinaldo; PILLON, Sandra Cristina. História da enfermagem psiquiátrica e a dependência química no Brasil: atravessando a história para reflexão. **Escola Anna Nery**, v. 11, n. 4, 2007.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da loucura**. (1466 -1536). Tradução base Paulo M. Oliveira [ebook]. Atena Editora, s.d.

GÓMEZ, Natasha Ruiz; LIEBRENZ, Michael. The ties that bind past and present: Tony Robert-Fleury, Philippe Pinel and the Salpêtrière. **Forensic Science International: Mind and Law**, v. 2, 2021. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666353821000060>. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTOS, Rofério Fernandes dos. O Alienista, crônica do Brasil em crise. *In*: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. Ilustrado por Candido Portinari. Coord. Bárbara Prince. Rio de Janeiro: Antofáfica, 2019.

SANTOS, Aline Lisboa Dos. PONTES, Keila Mirele Almeida. SANTOS, Maria Lorena Santana. Uma leitura foucaultiana sobre a obra “O alienista” de Machado de Assis.

Paripiranga: 2022. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/9ba2835b-3006-4122-8802-65b42b30005>. Acesso em 03 de jun. 2026.

SERRANO, Alan Índio. Os direitos do doente mental no contexto do sistema único de saúde em Santa Catarina. **Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 123–134, 2001. DOI: 10.5007/%x. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15397>. Acesso em: 20 jun. 2026.

SILVA, Antônio Carlos Pacheco. **A proteção aos insanos no Segundo Reinado**. São Paulo: Archives of Clinical Psychiatry. 36(5), 208–215, 2009. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000500007> Acesso em: 26 jun. 2026.

SHIMOGUIRI, Ana Flávia Dias Tanaka. COSTA-ROSA, Abílio da. Do tratamento moral à atenção psicossocial. **Comunicação Saúde Educação**: 2017.

TEIXEIRA, Ivan. **O altar e o trono**: Dinâmica de Poder em O Alienista. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. A Psiquiatria E A Universidade No Brasil: A Contribuição De João Carlos Teixeira Brandão No Seu Nascimento. **Psychiatry on line Brasil**. vol. 13, 2008.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. Pinel e o nascimento do alienismo. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro: 2019.